



## A vitória do romance

Depois de ter sua morte decretada diversas vezes, superar o advento do cinema e da TV, o romance se mantém como o principal gênero literário do século XXI

Gênero que teve seu ápice no século XIX, o romance atravessou os últimos 100 anos sob constante ameaça, primeiro com o advento do cinema, depois da TV. Mas, após ter sua morte decretada inúmeras vezes, por críticos e escritores, o romance chega ao século XXI mantendo seu *status* de mais popular gênero literário. Em uma época de incertezas, em que a falta de tempo é a melhor desculpa para o consumo do efêmero, as longas narrativas ainda dão o tom quando se pensa em literatura. Por quê? Leitores, acadêmicos e editores tentam explicar essa aparente contradição nesta edição dedicada ao gênero que deu ao mundo obras-primas como *Dom Quixote* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A professora de literatura da PUC-Rio Daniela Beccaccia Versiani escreve sobre as origens do romance e as principais mudanças até chegar na publicação de *Ulisses*, o livro de James Joyce que provocou uma verdadeira cisão na literatura mundial. Outros escritores que buscaram a reinvenção do gênero aparecem em texto que explica como autores como William Faulkner e Oswald de Andrade se utilizaram de novos recursos estilísticos para escrever livros que se tornaram marcos da literatura mundial. Uma investigação a respeito do romance paranaense também está presente no especial.

A edição ainda traz Cyro Ridal, um dos mais importantes produtores musicais da cena curitibana, que revela suas preferências literárias no “Perfil do Leitor”. Louis-Ferdinand Céline, o controverso escritor francês, tem o caminho de seu *Viagem ao fim da noite* recontado na seção “Making of”.

Entre os inéditos, Luiz Andrioli vai em Busca de Curitiba com o conto “Passagem marcada”, e o romancista André de Leones publica trecho de seu próximo livro, *Terra de casas vazias*, a sair ainda este mês. De Londrina vem o conto “Samba em dor maior”, que o escritor Rogério Ivano produziu especialmente para esta edição. Na poesia, o ex-critico musical e vocalista da banda Maria Angélica Não Mora Mais Aqui faz sua estreia literária nas páginas do **Cândido**.

Boa leitura.

## CARTUM

DAHMER

### CARTA DE SUICÍDIO DE UM POETA MALDITO DA ATUALIDADE



- Um último pedido: não editem meus poemas para que ocupem apenas 140 caracteres.

## BIBLIOTECA AFETIVA

Como a esmagadora maioria das crianças brasileiras de minha geração – numa época em que não havia TV, internet e videogame –, minhas primeiras leituras de livros, depois da fase de gibis e revistas infantis, foram as obras de Monteiro Lobato. Um mundo de fantasia e de informações novas, tudo amalgamado pela fértil imaginação lobatiana. Me dei bem com todos os personagens do *Sítio do picapau amarelo*, menos com a boneca Emília. Detestava quando ela abria a “torneirinha de besteiras”. E até hoje fujo de pessoas que costumam imprevisivelmente abrir essa maldadada torneirinha. Viro a página.

**Hélio de Freitas Puglielli** é autor dos livros *Para compreender o Paraná* e *O ser de Parmênides chama-se Brahma*. Jornalista, lecionou durante décadas na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Vive em Curitiba (PR).



Meu livro para a Biblioteca Afetiva é *Autobiografia precoce*, de Eugênio Evtuchenko, editado nos anos 1960, quando o poeta era o “rebeldinho oficial” do regime soviético. O livro é médio, retrata a realidade da União Soviética pós-Stalin como pano de fundo. Corta para os anos 1980. Dei o livro de presente para meu amigo Álvaro, leitor compulsivo, a quem eu emprestava muitos livros. Anos depois, apareceu um menino que me deu um envelope dizendo que o Álvaro mandara “devolver”. Era a autobio de Evtuchenko. Um mês depois, a notícia: Álvaro morreu, aidético. Ele estava se despedindo de mim e eu nem percebi.

**Rene Ferri** é jornalista, colaborador da extinta revista de música *Bizz* e criador da loja/selo Wop Bop. Vive em São Paulo (SP).



## EXPEDIENTE

# CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

### Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

### Redação:

Marcio Renato dos Santos, Omar Godoy, Thais Oliveira e Tatjane Garcia.

### Fotografia:

Kraw Penas

### Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

### Colaboradores desta edição:

Allan Sieber, André Dahmer, André de Leones, Carolina Vigna-Marú, Daniela Beccaccia Versiani, Fernando Naporano, Guille Dias, Luiz Andrioli, Oswalter Urbinati, Pedro Franz, Renato Faccini e Rogério Ivano.

### Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

### BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR  
Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h  
Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CURTAS DA BPP

## Roberto Gomes participa do projeto “Um Escritor na Biblioteca”

Roberto Gomes é o segundo convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O bate-papo acontece em 8 de maio, às 19h, no Auditório Paul Garfunkel da BPP. Radicado em Curitiba desde 1964, Gomes publicou romances, contos, crônicas e obras infantojuvenis. Recebeu o prêmio Jabuti por *O menino que descobriu o sol* (1982). Seu mais recente livro é o romance *O conhecimento de Anatol Kraft*, lançado em 2011. Atualmente, o autor escreve quinzenalmente no jornal *Gazeta do Povo*. Retornado há dois anos, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” já recebeu mais de 20 autores. Ainda este ano, estarão na BPP os escritores Ronaldo Correia de Bri-



Divulgação

to (junho), Bernardo Carvalho (julho), Michel Laub (agosto), Marcelo Backes (setembro), Paulo Scott (outubro) e Luci Collin (novembro).

## Aventuras Literárias

A professora e escritora Adriana Zanatta participa da próxima edição do projeto “Aventuras Literárias”, que mensalmente traz autores da literatura infantojuvenil para falar sobre a importância da leitura nas primeiras fases da vida. Adriana é a criadora, entre outros personagens, da Bruxa Cueca. O encontro acontece em 18 de abril, às 15h. Para as escolas interessadas, as inscrições devem ser feitas por meio da Seção Infantil pelo telefone 3221-4980.

## Oficina de Poesia com Fabrício Corsaletti

Fabrício Corsaletti ministra a Oficina BPP de Criação Literária – Poesia entre 14 e 16 de maio. As inscrições estão abertas e se encerram em 8 de maio. Os interessados devem enviar um poema curto, de até duas laudas, e um breve currículo para o e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br). O escritor irá selecionar 15 pessoas. Autor de *Esquimó*, Corsaletti



Bel Predrosa

é um dos jovens poetas mais celebrados da literatura brasileira contemporânea.



## Notas da Província



Divulgação

## Coetzee em Curitiba

O escritor sul-africano J.M. Coetzee, Prêmio Nobel de Literatura em 2003, estará em Curitiba no dia 15 de abril. Ele fará palestra aberta ao público no Teatro Fernanda Montenegro (Rua Coronel Dulcídio, 517), a partir das 19h30, dentro do projeto “Conversa Entre Amigos” — além de autografar o romance *A infância de Jesus*. A ensaísta Kathrin Rosen-

field, especialista na obra de Coetzee, fará a apresentação do autor. A entrada é franca, mas é necessário retirar os ingressos na bilheteria do teatro com antecedência. Os participantes do projeto “Conversa entre Amigos” têm prioridade, do dia 1º a 7 de abril, das 14h às 21h. A partir de 8 de abril, até o dia 15, o público em geral retira o bilhete de entrada das 10h às 12h e das 13h às 18h.

## Escher no MON

“A magia de Escher” entra em cartaz no Museu Oscar Niemeyer (MON) em 11 de abril e segue até 21 de julho. É a mais completa mostra realizada no Brasil dedicada ao artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher (1898-1972). Com 85 obras, entre gravuras originais, desenhos e fac-símiles, incluindo todos os trabalhos mais conhecidos do artista, “A magia

de Escher” terá mais itens do que a exposição “O Mundo Mágico de Escher”, que esteve em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro, e foi a mais vista do mundo em 2011, segundo o jornal britânico *The Art Newspaper*. O Museu Oscar Niemeyer está situado na Rua Marechal Hermes, 999, no Centro Cívico, em Curitiba. Mais informações (41) 3350-4400.



“Algo  
em mim  
quer dar  
vexame”



Um dos mais festejados contistas brasileiros, vencedor do Prêmio Jabuti em 2006 com o livro *Contos negreiros*, Marcelino Freire se prepara para estreiar como romancista, em meio a sua inquietante presença na vida cultural brasileira

MARCIO RENATO DOS SANTOS

**T**eimoso. É assim que o próprio Marcelino Freire se define. Mas ele também se assume como um poeta enrustido. Diz ser mais emoção que razão. Atento e inquieto, o escritor pernambucano radicado em São Paulo faz uma literatura única. “A rua é quem dá a voz à minha literatura o tempo inteiro. Eu vou lá e capturo e compactuo. Escrevo porque não estou surdo”, diz o autor, entre outros, de *Angu de sangue* e *Amar é crime*. Ele concedeu esta entrevista ao **Cândido** na noite do último dia 20 março, data em que completava 46 anos. Marcelino faz algumas revelações, por exemplo, a respeito do romance que escreveu, *Só o pó*, a ser lançado ainda em 2013. “É a história de um velho poeta e o assassinato misterioso de um michê com o qual ele saía.” Curitiba ele conheceu dentro de um Fusca dirigido por Valêncio Xavier. Foi Jamil Snege quem mostrou a Marcelino a Boca Maldita. O prosador fala de sua relação com a capital paranaense, e faz um pedido: “Espalhe e diga para todo mundo: eu amo o Dalton Trevisan. Se hoje sou escritor foi porque ele apareceu em minha vida.”

**Você já disse em entrevistas que pensar e escrever um romance seria algo**

**beirando o insuportável por ter de conviver e dormir — e acordar — com o personagem. A *Folha de S.Paulo*, em edição de 14 de fevereiro, anunciou romances de autores brasileiros que serão publicados em 2013, entre os quais, *Só o pó*, de sua autoria. Então, vai publicar um romance? Como foi o processo? Difícil? Sobre o que você trata nessa longa narrativa?**

Rapaz, de fato eu prefiro dormir a escrever. O problema do romance continua sendo este — a gente escreve um primeiro capítulo e vai dormir pensando no segundo. É um gênero que carece de paciência e disciplina. Tive de encontrar isso em mim. Consegui agora, a duras penas, creio, depois de ter abandonado, no buraco negro do meu computador, várias tentativas de romance. Encontrei um jeito de levar o fôlego adiante. Meus contos são gritos. Eu quero logo despachá-los. Na feitura do romance, entrei mais calmo, silencioso. Escrevi primeiro à mão, depois fui digitando, sem pressa. Trata-se de uma história policial e isso facilitou a caminhada — escrever a partir de uma trama armada. É a história de um velho poeta e o assassinato misterioso de um michê com o qual ele saía. Eu me diverti, me animei com o jogo, não precisei, digamos, perder o sono.

**Recentemente, um vídeo, divulgado pelo *PublishNews*, com o título “Marcelino Freire lê com emoção até bula de remédio”, mostrou algo que você faz bem, e pelo que também é conhecido: a leitura em voz alta. Não é novidade. João Alexandre Barbosa já chamava atenção para isso na apresentação do seu *Angu de sangue*. Qual a diferença entre palavra falada e palavra escrita?**

Eta danado! Toda vez em que se toca no nome de João Alexandre Barbosa, me vem uma saudade, uma gratidão a esse grande crítico e ser humano generoso e extraordinário. Salve, salve! Mas olhe:

eu escrevo mesmo em voz alta, gosto de falar, de “rezar” os meus textos. Esse romance mesmo, *Só o pó*, eu não me canso de reler, de interpretá-lo pela casa, como se eu estivesse “cantando” o texto. A prosa só me convence quando passa por esse teste sonoro. Todo mundo que escreve deveria fazer isto: ouvir, em bom e alto som, o que está colocando no papel. Isso determina ritmo, pulsação, dramaticidade do texto. Eu escrevo de ouvido... Eu escrevo com o corpo inteiro. Nunca conto uma história, eu “componho” uma história, entende?

**O quanto há de ator no Marcelino Freire?**

Sou apaixonado por teatro. Queria muito ser ator. Fiz teatro dos 9 aos 19 anos lá no Recife. Desisti quando descobri que eu tinha muito pudor para ser ator. Se um diretor chegasse e pedisse para eu tirar a roupa, eu murcharia na hora. Não conseguiria me expor. Escrevendo, eu tiro a minha roupa e a dos outros. Daí, toda vez em que eu escrevo algo, penso em um ator, uma atriz. Enceno as cenas que crio. É uma alegria quando um grupo teatral me procura para levar meus contos ao palco... É, de alguma forma, um sonho antigo meu que volta à cena. E eu sou muito procurado por atores. Há peças que foram montadas — e estão sendo montadas — no Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador. Não sei por que Fernanda Montenegro ainda não me procurou.

**Apesar de seus livros serem de contos, e o próximo, um romance, não são poucos o que te definem, também, como poeta. Nelson de Oliveira, o atual Luiz Bras, é um dos que defendem a tese: “Mas habitando o poeta Marcelino Freire há ainda um músico e um dançarino. O músico agarra-se às dissonâncias do maxixe e do maracatu, o dançarino distribui pernadas a três por quatro. Guerreiros, todos**

“ Eu estou me perguntando isso agora: qual a minha linguagem? Acho que com este meu primeiro romance, *Só o pó*, o meu verbo disparou para um outro canto. Eu ganhei mais respiração, alcancei outras notas e regiões sonoras. Sim, meus cacoetes continuam lá: minhas rimas, ladainhas, dores de amores”.

**eles, cada qual à sua maneira”. Ora, o Nelson incluiu ainda o dançarino. De fato, há poesia em sua linguagem. Amar é crime prova isso. Considera-se, enfim, poeta?**

Eu sou um poeta enrustido. Tenho muito medo de assumir que sou poeta. Ser poeta é muito difícil. Um poema ruim a gente já conhece de cara, no primeiro verso. Por isso digo que sou mesmo é prosador. Um conto meia-boca, perdido dentro de um livro, no meio de outros contos, dá para passar, para engolir... Poesia já é outra história. Um poeta não lança um primeiro livro, um poeta nasce. É coisa rara demais. Por isso eu faço uma gambiarra danada. Eu nunca chamo meus contos de contos, chamo de “cantos”, “cirandas”, “improvisos” — tudo para me deixar mais ao lado da poesia sem, claramente, dizer que sou poeta. Eu sou é um bundão, escreva essa...

**O *eraOdito* fez história. Agora, e já faz tempo, é a vez e a hora do *Ossos do Ofídio*, o seu espaço na internet. Ali, é possível ler as suas impressões sobre filme, lembrança, memórias, diário de viagem, fotos raras, fotos de você em movimento, vídeos, enfim: você alimenta o seu *blog*? Ou seria o contrário: o *blog* que se alimenta de sua intensidade, de sua multiplicidade, de**

**suas ações e pensamentos e palavras?**

Estou respondendo a essa sua entrevista exatamente no dia 20 de março, dia em que faço aniversário de 46 anos. Por que digo isto? Porque acabei de postar um “poeminha” lá no meu *blog* novo. Um poeminha sobre aniversário. Nessa página *on-line*, eu estou mais relaxado em relação ao que era o *eraOdito*. Em certo momento, o *eraOdito* virou uma agenda... Eu parecia assessor de imprensa da literatura contemporânea brasileira. Cansei daquela cara. No *blog Ossos do Ofídio* [www.marcelinofreire.wordpress.com], invento ensaios literários, arrisco poeminhas (logo eu que não sou poeta), mostro fotos antigas e também comemoro meu próprio aniversário. Esse *blog* agora é muito mais meu do que dos outros, entende?

**No conto *A Volta de Carmen Miranda*, do seu *BaléRalé*, lemos: “Beijar na boca outro homem? Na língua? Essa depravação? Pra todo mundo saber? O quê? Não. / Meu tempo era outro tempo. Beijava-se escondidinho outro homem. Assim, no Joaquim”. É um texto direto, no qual cada palavra está no lugar em que parece que deveria estar. Não há excessos, gorduras. Há, sim, entre outros recursos, emoção. João Gilberto Noll percebeu isso, e escre-**

**veu: “Seu condutor é uma afetividade mais ou menos declarada”. Como você tempera emoção e razão em sua produção literária?**

Por essa sua introdução acima, eu pensei que você ia me perguntar se eu sou gay. Eu já estava preparado para dar o número do meu telefone. Vida íntima à parte, eu te respondo: eu sou mais emoção que razão. Eu sou ebulição, fervura, vulcão. Não que eu escreva movido por um delírio, mas meus textos têm de nascer de uma explosão em mim, algo que quer dar vexame, soltar os cachorros do peito. Depois é que vem um lado mais “pé no chão” para colocar as palavras no lugar, encontrar o que eu quero dizer. Escrever é essa briga eterna entre o que eu sinto e o que eu penso.

**Em *Contos negreiros*, você reinventou literariamente os seguranças, o homem que trabalha na construção civil, a mulher que vende carne de segunda a segunda, etc. Mostrou a violência, nosso jeitinho de ver e não ver o pessoal do andar de baixo, entre índios e outras possibilidades existenciais. A obra teve leitura. Rendeu o Prêmio Jabuti. O livro é de 2005. Como você analisa o livro olhando de 2013?**

Eu continuo gostando do *Contos negreiros*. Tinha medo de que ele ficasse datado. Por causa dos temas que ele aborda, toca, cutuca... Tinha receio de que o livro fosse adotado por alguma ONG. Até agora isso não aconteceu. É livro feito movido por uma vingança. Eu queria gritar isto: somos todos opressores e oprimidos. E eu queria fazer um livro à la Castro Alves... Até acho que o sucesso do livro se deu por isto. Muita gente confunde *Contos negreiros* com “Navio Negreiro”. O Jabuti que eu ganhei foi dado ao Castro Alves, creio. E sempre dizem assim: que eu, no livro *Contos negreiros*, dei voz aos que não têm voz. Detesto essa afirmação. Eu não dei voz para ninguém. Quem sou eu? O Papa



Chico? Tô fora... A rua é quem dá a voz à minha literatura o tempo inteiro. Eu vou lá e capturo e compactuo. Escrevo porque não estou surdo...

### O que representou no seu percurso ganhar um Jabuti?

Representou que eu conheci finalmente Portugal. Por causa do cágado, eu fui convidado, à época, para ir à Feira do Livro de Lisboa. Ou seja, o Prêmio me deu mais milhas. Brincadeiras à parte, eu nunca pensei que fosse ganhar um Jabuti. Sempre foi ele um prêmio longe e distante para mim. Ganhei, agradeço. Mas não posso me sentir um Jabuti. Sair, por aí, arrotando grosso. Nunca. Tenho de lembrar que sou um autor contemporâneo num país em que se lê muito pouco. Há muito o que fazer. No

dia em que eu sentir que “cheguei lá”, melhor é morrer. Prêmio melhor para mim sabe qual é? Um leitor. Eu quero um leitor... Para mim agora, e já, um novo leitor, por favor.

**RASIF — Mar que arrebenta traz sinais sobre a violência de todo dia, “Toda criança quer um revólver”. Mas também é sobre a passagem do tempo, “Tenho saudade de Sertânia”. Mais que tudo, o livro traz a sua linguagem afiada, cada vez mais enxuta, musical, veloz, poética. O que o livro representou para você?**

*RASIF* é um livro cheio de saudade. É um testamento, um inventário meu. Eu vivo em São Paulo há 22 anos. E teve uma hora em que eu queria reencontrar o Recife, onde vivi. Queria falar de Ser-

tânia, onde nasci. O *RASIF*, que é a origem árabe do nome Recife, serviu para isto. Para juntar, em um só livro, a saudade que eu ainda sinto, uma voz que eu ainda carrego comigo. Essa ladainha que vem, faz tempo, fazendo um maracatu no meu juízo. Eu recriei, com *RASIF*, uma cidade onde eu pude habitar, de vez, os meus personagens. Todos eles são de lá, deste lugar onde “o mar arrebenta”...

**Você dedica *RASIF*, entre outros, para o Jamil Snege. Outros nomes do Paraná, como Wilson Bueno, Valêncio Xavier e Manoel Carlos Karam também foram seus interlocutores. Poderia comentar sobre como foi o convívio com esses quatro autores, além de falar sobre a produção literária deles?**

Rapaz, grandes mestres esses. Os sau-

“ Rapaz, grandes mestres esses. Os saudosos Jamil e Valêncio foram meus cicerones numa de minhas primeiras viagens a Curitiba. Almocei na casa do Valêncio, ele me levava para cima e para baixo em seu Fusca. Jamil me apresentou a Boca Maldita”.

## ENTREVISTA | MARCELINO FREIRE

Renato Parada



dos Jamil e Valêncio foram meus cicrones numa de minhas primeiras viagens a Curitiba. Almocei na casa do Valêncio, ele me levava para cima e para baixo em seu Fusca. Jamil me apresentou a Boca Maldita. Ambos, escritores de minha estima e inspiração. Inovadores, vibrantes. Manoel Carlos Karam eu trouxe uma vez para São Paulo. Que prosa vigorosa, ágil, viva. Um gênio. Wilson Bueno eu dividi mesas de debate, viajamos juntos, rimos juntos. Ele e a sua escrita inquieta e sonora até hoje mexem comigo. Wilson morreu no mesmo dia e ano em que a minha mãe morreu, no dia 30 de maio de 2010. E olhe: espalhe e diga para todo mundo: eu amo o Dalton Trevisan. Se hoje sou escritor foi porque ele apareceu em minha vida. Um gênio com quem sempiternamente estou aprendendo.

**No texto de apresentação de *RASIF*, Santiago Nazarian comenta que nos círculos literários, nas rodas de samba, são comuns os comentários sobre a importância de Marcelino Freire como agitador cultural. Você inventou e mantém a Balada Literária [[www.baladaliteraria.zip.net](http://www.baladaliteraria.zip.net)], além de ministrar cursos, de incendiar bate-papos nos quais participa. Você é muitos. Quantos você é? Como concilia tanta ação com uma vida interior e intelectual também intensa?**

Eu sou um teimoso, a verdade é esta. A Balada Literária, que acontece anualmente desde 2006, é feita na raça. Costumo dizer que, enquanto outras festas são feitas com um milhão, a nossa é feita com “humilhação”. Muita gente entende o espírito do evento e participa e vibra e é parceiro nessa luta — como a Livraria da Vila, o Centro Cultural b\_arco, o SESC, a Biblioteca Alceu Amoroso Lima... Já passaram pela Balada nomes como os de Antonio Candido, Adélia Prado, Caetano Veloso, Tom Zé, Lygia Fagundes Telles e

até Raduan Nassar no ano passado. É tudo feito com muito afeto... É este afeto o que me move na vida — para fazer tudo o que faço. Luto por uma literatura sem frescura, entende? Aliás, aproveito para falar que a oitava edição da Balada Literária, que vai de 20 a 24 de novembro, já está sendo preparada. O homenageado deste ano é o Laerte. E já estou convidando gente da pesada — como o escritor chileno Pedro Lemebel e um grande cineasta espanhol. Mistério, mistério...

**O que tem chamado a sua atenção na literatura brasileira contemporânea?**

Dalton Trevisan, digo sempre e sempre. Ele não para quieto. Surpreende eternamente. Para continuar nos veteranos, a poesia de Francisco Alvim. De meus amigos de cabeceira, anote: Andréa Del Fuego, André Sant’Anna, Ivana Arruda Leite, Sérgio Vaz, Santiago Nazarian, Lourenço Mutarelli, Antonio Carlos Viana, Amarildo Anzolin — esse, acabou de lançar um ótimo volume de poesias. E, de quem vem chegando, tem uma moçada boa: Angélica Freitas (já com dois livros porretas), Japa Tratante, João Vereza, Juliana Amato, Nelson Maca — esse, uma verdadeira entidade poética lá de Salvador. E eu vou parar por aqui, que isto não é uma lista telefônica. É chato para quem lê aqui o jornal **Cândido** e acaba se deparando, coitado, com uma relação de nomes, assim, sem fim. Ave! E é igualmente chato para quem, por acaso, procura o nome nessa minha lista e não encontra. Paciência! Eu não sou Madre Teresa de Calcutá.

**O que não desperta o seu interesse na literatura brasileira contemporânea?**

A lista é infinita. Quer mesmo que eu cite? Tem espaço no jornal? Rapaz, vou lhe dizer. Se você chegasse e me perguntasse diretamente: o que você acha de fulano? Aí eu responderia, sem problemas. Mas por que eu vou aqui listar nomes,

Luciana Dal Ri



Ao lado de Laerte, que será o homenageado da oitava Balada Literária, em 2013.

em vão, só para atacar a obra da pessoa? Deixa o cara, a cara trabalhar, produzir, escrever... Respeito quem faz da literatura o seu ofício. O que não aguento é quando o pessoal das editoras, da imprensa, quer empurrar alguns autores pela nossa goela abaixo. Não gosto, por exemplo, de Paul Auster. Supervalorizado. E para não dizerem que fugi da resposta, que eu resolvi citar apenas um estrangeiro, cito o brasileiro Marcelo Mirisola. Começou bem o Mirisola. Sou leitor dele desde o início. Tenho todos os seus livros em casa. Mas ele perdeu muito tempo contaminando os livros dele com indiretas a desafetos, com rancores gratuitos. Seu último livro, o *Charque*, é muito ruim. Ou seja: em vez de cuidar da casa dele, ele parou o que estava fazendo para meter a língua na casa dos outros. Uma pena!

**O Nicolas Behr comentou, em entrevista à TV Senado, que se fosse escrever em prosa queria escrever na lin-**

#### **guagem do Marcelino Freire. Qual é a linguagem do Marcelino Freire?**

Eu estou me perguntando isso agora: qual a minha linguagem? Acho que com este meu primeiro romance, *Só o pé*, o meu verbo disparou para um outro canto. Eu ganhei mais respiração, alcancei outras notas e regiões sonoras. Sim, meus caçoetes continuam lá: minhas rimas, ladinhas, dores de amores. Mas acho que ganhei um outro jeito de compor. Vamos ver aonde isso vai dar. Numa hora, adoro o romance. Noutra, morro de vergonha dele. Minha nossa! É sinal de que está na hora de jogar a obra para o leitor analisar, chafurdar... O que gostei é que me aventurei. Zerei tudo e resolvi me arriscar. Adoro começar tudo outra vez, do nada.

#### **Quem é o Marcelino Freire?**

Um homossexual não-praticante. É assim que me apresento no Twitter. Quer outra resposta? Sou um teimoso. Tam-

“ Sou apaixonado por teatro. Queria muito ser ator. Fiz teatro dos 9 aos 19 anos lá no Recife. Desisti quando descobri que eu tinha muito pudor para ser ator. Se um diretor chegasse e pedisse para eu tirar a roupa, eu murcharia na hora”.

bém sou muito justo, filho de Xangô. Um batalhador. E também um preguiçoso. Adoro dormir. Adoro ficar de bunda para o teto, sem fazer nada. Tem gente que tem medo da morte. Eu não tenho. Uma eternidade toda para dormir — é meu sonho de consumo.

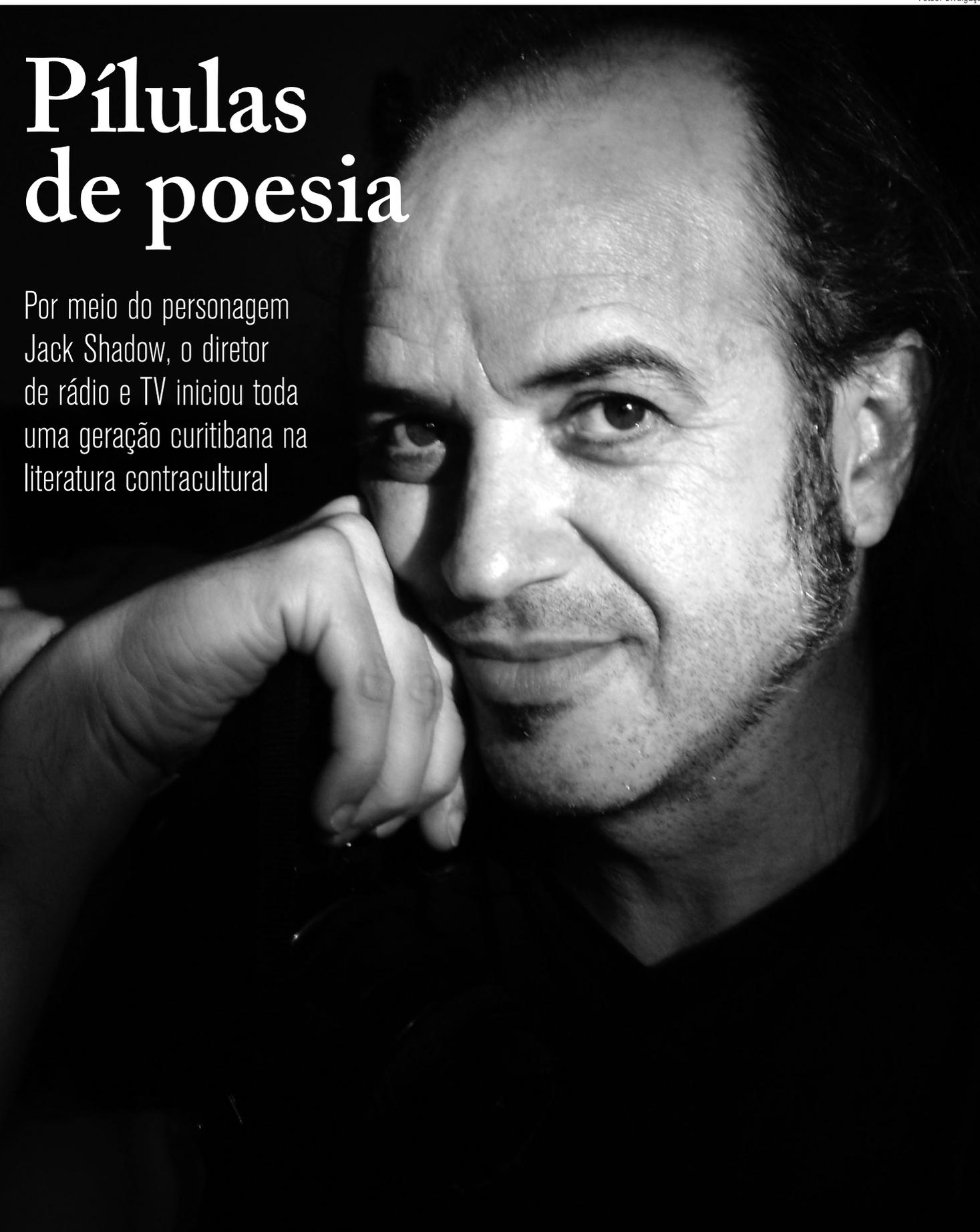
#### **E quem não é o Marcelino Freire?**

Às vezes acho que não fui eu quem respondeu às suas perguntas acima. Foi outro alguém, aqui, em minha cola. Um escritor que já morreu. Eu já morri e não sei. Vivo dizendo para mim mesmo: acorda, acorda! ■

Fotos: Divulgação

# Pílulas de poesia

Por meio do personagem Jack Shadow, o diretor de rádio e TV iniciou toda uma geração curitibana na literatura contracultural



OMAR GODOY

Quem tem mais de 30 anos e costumava ouvir rádio em Curitiba certamente conhece Jack Shadow. Ou melhor: conhece a voz de Jack Shadow, eternizada em programas como *Caleidoscópio*, *Todos os caminhos do rock* e *Ciclojam*. Quase uma lenda urbana da capital paranaense, o locutor ficou famoso por seu timbre metálico e pelos discursos afiados, que quase sempre derrubavam os grandes mitos do *rock and roll*. Mas uma faceta importante de sua passagem pelas FMs da cidade nunca recebeu o destaque que deveria. Ao declamar trechos de livros no ar, ele apresentou a toda uma geração o que existe de melhor na chamada literatura contracultural.

Jack Shadow é, na verdade, Cyro Ridal, hoje diretor de programas de rádio e TV — e, eventualmente, cantor em *jingles* e discos infantis. No início dos anos 1990, ele criou o personagem por pura timidez, pois não queria ser reconhecido. Como se não bastasse, ainda usava um megafone dentro do estúdio. E o que deveria ser apenas um “escudo” acabou se tornando uma das mais conhecidas grifes da comunicação local (nos tempos áureos, o alterego participou até de campanhas publicitárias).

Ridal, no entanto, revela que se envolveu tardiamente com a literatura. Lembra que o pai mantinha uma estante grande em casa, cheia de livros sobre a Segunda Guerra e títulos de Monteiro Lobato. “Mas nunca vi ninguém lendo nada. Nem ele, nem meus irmãos mais velhos. Minha mãe até reclamava: ‘Por que guardar tanto livro se ninguém lê?’”, conta o diretor, nascido em Harmonia, localidade do município de Telêmaco Borba (PR).

Sua primeira lembrança literária remonta do início da década de 1970, época em que sua família se transferiu para União da Vitória. Tinha 12 anos

quando um professor mandou todos os alunos da classe escolherem um trecho de livro qualquer para apresentar em voz alta dias depois. Ridal fiçou a estante do pai e se identificou com os versos de “Meus oito anos”, poema clássico do romântico Casimiro de Abreu.

“Oh! Que saudades que tenho/ da aurora da minha vida,/ da minha infância querida/ que os anos não trazem mais!/ Que amor, que sonhos, que flores,/ naquelas tardes fagueiras,/ à sombra das bananeiras,/ debaixo dos laranjais!”, recita de cor, empolgado. “Acho que, como bom canceriano, sinto muita saudade. Naquela fase, sentia falta daquela vida pacata, próxima da natureza, que eu levava em Harmonia. Até hoje sou assim, penso muito no passado”, completa.

Aos 16 anos, ele acompanhou a família em mais uma mudança, desta vez para Curitiba. O choque cultural foi inevitável. A começar pela convivência com outros 300 alunos na sala do cursinho em que se matriculou. “Eu, que já era tímido, nem saía de casa com medo. Acabei parando no psicólogo. Minha primeira amiga foi uma menina da Lituânia, que, como eu, idolatrava o Elvis.”

Ridal não se lembra dos livros que leu para prestar o vestibular. Muito menos das leituras obrigatórias da faculdade de História, que logo trocou pela de Turismo (“Porque tinha mais mulher”). Fã de música e cinema, e já formado turismólogo, aproximou-se para valer do mundo cultural quando ingressou em Musicoterapia na Faculdade de Educação Musical do Paraná (Fenp), atual Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

Não concluiu o curso, mas trabalhou na instituição durante oito anos, coordenando o setor de multimeios e produzindo eventos musicais dos mais variados estilos (função que também desempenhou na Secretaria de Estado da Cultura). Por volta de 1990, passou a atuar na Rádio Estadual (depois Educativa, hoje E-Paraná). Procuran-



do discos novos para tocar na emissora, conheceu a dupla Horácio De Bonis e Pedro do Rosário, sócios da loja 801 Discos. Mais do que uma permuta, o encontro rendeu uma amizade — e o surgimento de uma linguagem radiofônica bastante particular.

“O Pedro, além de mestre em História, era o cara dos livros. Por causa dele eu gosto de poesia. Me deu de presente, de uma vez só, uns oito livros do Bukowski, que li de cabo a rabo. Ele tinha um lado depressivo e mais refinado, e também me apresentava a figuras como Artaud, Rilke, Rimbaud, Byron, Cioran. Li um pouco de tudo isso, mas curto mesmo escritores mais realistas, próximos da contracultura. Sam She-

pard, Jack Kerouac, Lawrence Ferlinghetti, Jacques Prévert, Allen Ginsberg, Gregory Corso, Leonard Cohen...”

Unidos pelo gosto por música e literatura, os três amigos criaram o programa *Caleidoscópio*, que contava com textos escritos por Rosário e apresentados pelo misterioso Jack Shadow (nome tirado de uma letra do cantor Nick Cave). Com o tempo, outros projetos começaram a tomar o tempo do trio, e a solução foi utilizar trabalhos de outros autores. Surgiu, então, o que Ridal chama de *Antologia Poética* — poemas em pílulas embalados por trilhas baseadas em texturas e ambiências.

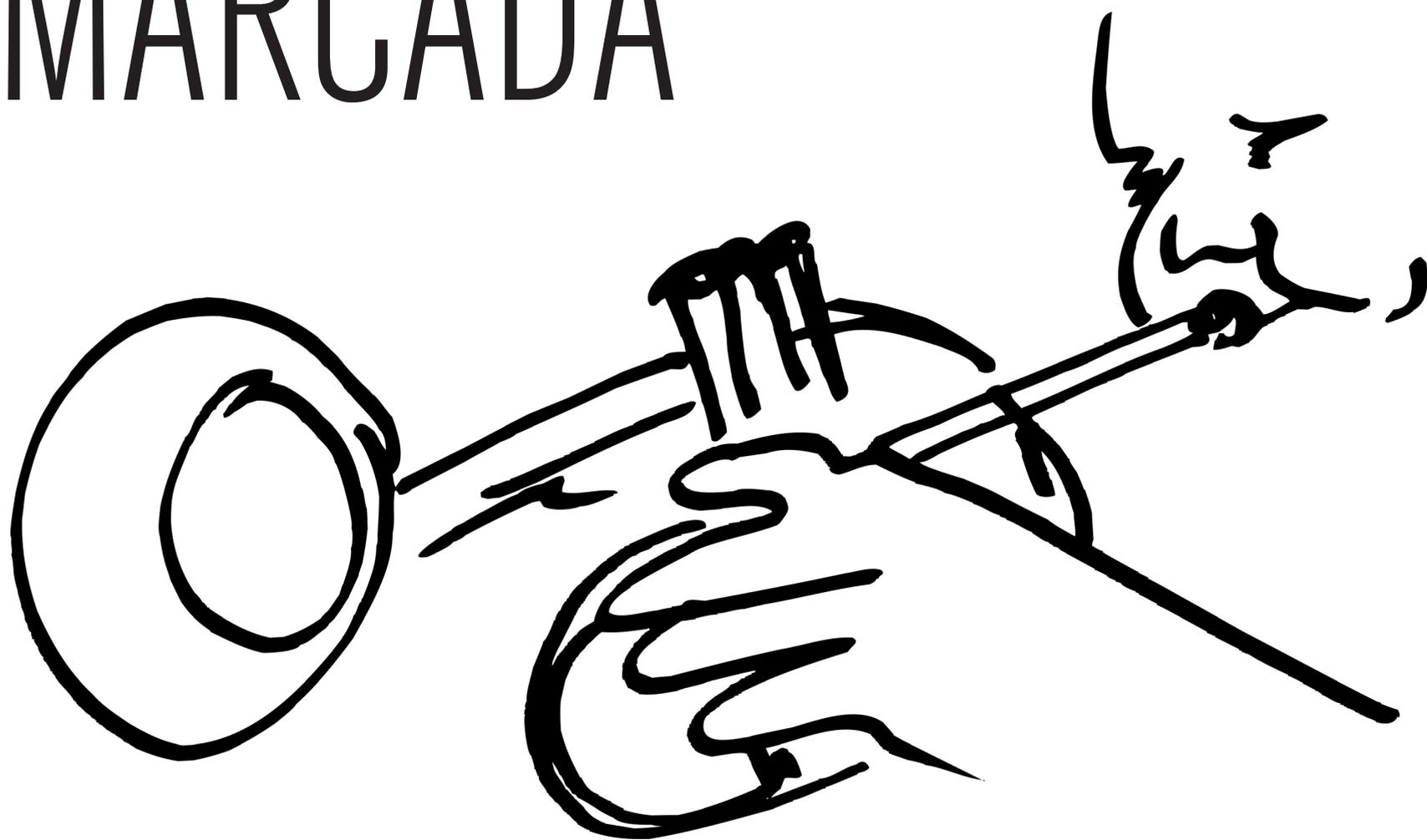
Depois de transferir o programa para a rádio Estação Primeira, e retornar à Educativa anos mais tarde, os amigos

se separaram. Pedro do Rosário se matou em 1998, deixando como legado um estilo único de texto radiofônico. E, ainda hoje, os 45 episódios da *Antologia Poética* são exibidos em outro programa local, o *Radiocaos* (E-Paraná). Boa parte deles também pode ser ouvida na internet, pelo link [souncloud.com/jackshadow](https://souncloud.com/jackshadow).

“O *Caleidoscópio* reuniu tudo o que eu mais curto: música, poesia e comunicação. E esse formato de pílulas tem tudo a ver com o meu jeito de ler em casa, totalmente aleatório. Gosto de pegar um livro na estante, abrir numa página qualquer e ter prazer com aquilo na hora. Amanhã, eu pego outra coisa para ler. Não quero compromisso, quero liberdade”, afirma Ridal. ■



# PASSAGEM MARCADA



Ilustrações:  
**Carolina** Vigna-Marú

Para a despedida, comprou um conjuntinho na Renner depois de ver pelo celular a previsão do tempo. Moça pequena, rosto delicado, corpo de criança. Cismou que para conseguir namorado, tinha que colocar silicone. Parcelou em sete vezes, usou parte do dinheiro da bolsa de mestrado da universidade. Sobrava pouco para gastar, mas no fundo, ainda era sustentada pelos pais. Morava perto, não precisava pegar ônibus. 25 anos. Dava oito-horas aula por semana. Conceito A na dissertação. Ficou muito amiga da orientadora que havia perdido uma filha ainda adolescente. Foi então indicada para a melhor bolsa do programa em Londres.

Suas mãos entrelaçadas perto do queixo eram como uma seta para o decote. Renata suave nas palmas, por isso evitava deixá-las à mesa. Ao mesmo tempo, cruzar os dedos perto do queixo lhe disfarçava o nervosismo de quem insistia em olhar para a porta.

— Quanto tempo vai ficar lá? — pergunta alguém da mesa.

O jazz está alto. Ela precisa falar um pouco mais firme, além do que todos esperam.

— Dois anos.

Nunca ficara tanto tempo longe de casa. Seu pai até oferecera pagar uma viagem de intercâmbio quando trancou a faculdade de Biologia. Tinha dúvidas se era o caminho certo, dar aulas, pesquisar, viver enfiada em laboratórios. Parou por seis meses. Com um certo esforço da família, poderia ter vivido na Austrália, quem sabe. Mas não. Preferiu trabalhar no *shopping* vendendo roupas. Vendeu quase nada, era confundida com clientes.

Não raro, com filhas de clientes. Mas foi bom. Conheceu gente nova. Voltou para a universidade sabendo que um diploma ao menos lhe pouparia as horas em pé para acumular comissão.

— Renatinha, preciso ir. As meninas estão com a vó e a velha dorme cedo.

Abraçou Marcela. Um garçom levantou a bandeja por sobre as duas para não atrapalhar.

— Manda um beijo para as gêmeas — Sorriu.

Entraram juntas na faculdade. Dois anos depois, Marcela engravidou do namorado de infância. Passaram a se ver menos, desde então. Nunca perderam a cumplicidade.

— Ele disse que vem?

A amiga sabia: não existia resposta. Cláudio era imprevisível. Novamente se abraçaram. Marcela oferecia carinho e sugeria resignação.

— Vida nova, Re. Vida nova — aconselhou.

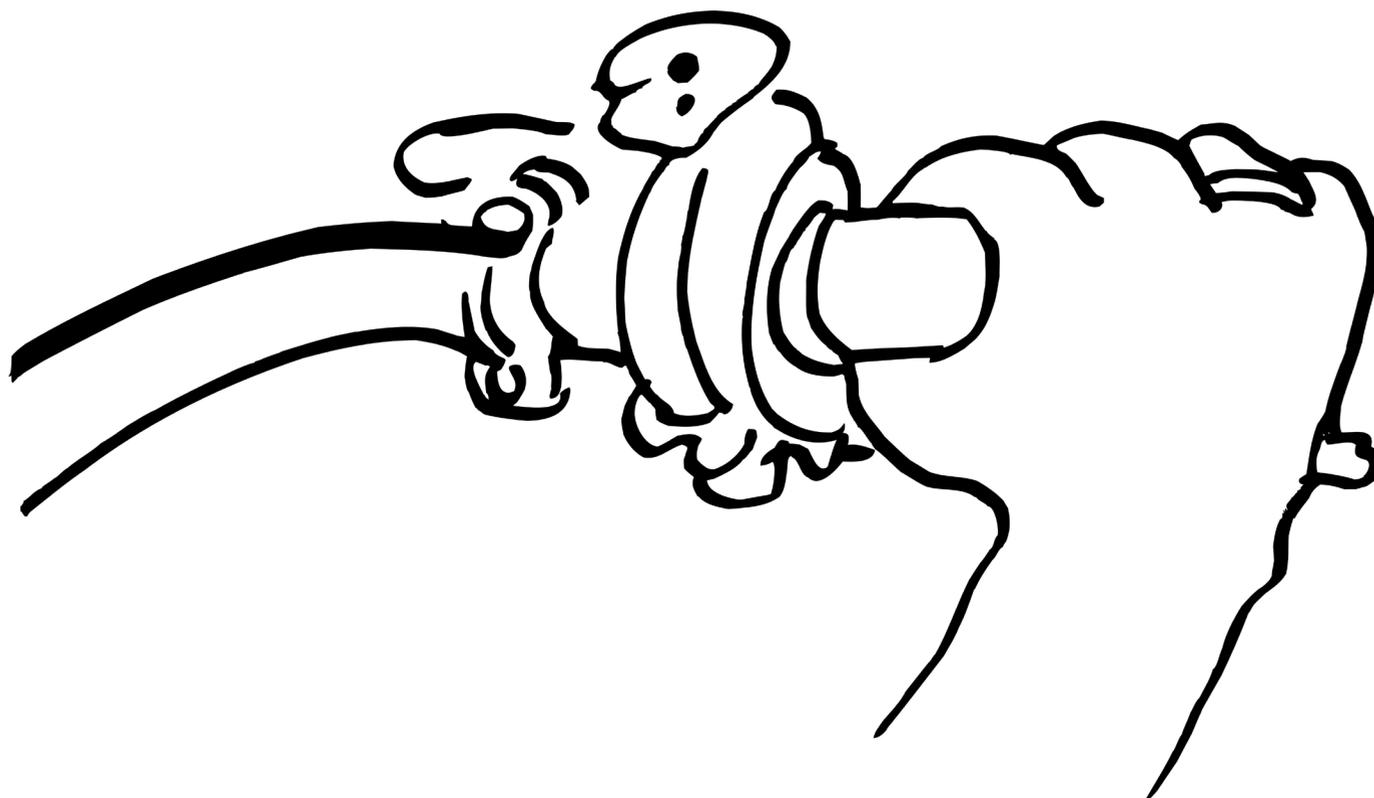
Abraçaram-se novamente. Marcela ainda não se acostumara a sentir os seios grandes da outra. Brincavam com isso. Um pedaço de mulher praticamente encaixado naquela menina que saía para o mundo amparada por um bolsa de estudos, alojamento garantido e seguro de saúde. Pediram para alguém tirar um foto. Colaram as bochechas na pose. A amiga estava com o perfume que ganhara de Renata no amigo secreto da turma. Depois do *flash*, se olharam mais um tantinho. Em silêncio, a mãe da Gabi e da Gisele acariciou os cabelos fininhos da outra. Não disseram mais uma palavra sequer, era claro o conselho já repetido tantas vezes:

“Esquece ele, Re. Aproveita esta viagem e enterra de vez esse babaca”.

Voltou para a mesa. Conferiu a ficha de consumação embaixo do celular, querendo na verdade ver a tela do *iphone*. Nenhum torpedo, nem e-mail. Alguém passou pela mesa uma bandeja com brusquetas. Pegou uma e comeu, não havia jantado. Passara o dia arrumando as malas. Anteciparam o voo. Sairia na segunda. No domingo tinha um almoço de família na casa da avó. Aproveitou a arrumação para rever as fotos que tirara com Cláudio em Superaguí. Conhecera ele no trajeto de ida, parecia íntimo do barqueiro. Pediu licença para pular por cima das pernas esticadas dela. Abriu o isopor e tirou duas latinhas de cerveja. “depois eu pago”, disse para o dono do barco, que nem se deu ao trabalho de responder. Sentou ao seu lado, abriu as duas e ofereceu convicto. Renata se encantou e abriu espaço.

— Você é bióloga? — Disse Cláudio.

Ela era, mas achava que não parecia ser. Não estava indo para a reserva de Superaguí para pesquisar. Iria encontrar algumas amigas do curso para passar uns dias longe do barulho do carnaval. Apenas deu oi para as meninas na pousada. O resto do feriadão ficou entre a barraca do Cláudio e os passeios a pé pelos cantos desertos da ilha. Qualquer que fosse o destino, acabavam transando. Não contou nada em casa. Com o dinheiro que sobrou da pousada, comprou para Cláudio o vinil *Paëbirú*. Colocou em um envelope e mandou para o endereço que estava no cartão de visitas que ele lhe deu. Era de uma universida-



de particular, onde Cláudio dava aulas, tudo o que restou de concreto daquele homem ao fim dos quatro dias. Sabia de pistas, uma delas dizia respeito ao gosto pela música do Zé Ramalho. Entre uma transa e outra, dissera o quanto gostaria de ter novamente o vinil mais raro do artista, que lhe fora roubado quando morava na casa do estudante universitário.

Renata havia gozado pela primeira vez com um homem. Jamais imaginava que isso pudesse acontecer em uma barraca, chovendo, sem banho, depois de um dia longo andando de barco pelas ilhotas ao redor, cansada e com a pele ardendo. Nunca experimentara trepar (sim, a palavra era exatamente esta) de quatro com um homem, sentir a barriga dele lhe empurrando as nádegas magrinhas. As amigas insistiam que ela possuía bundinha de criança. Por anos deixou de usar biquíni por conta disso. Gozou de olhos fechados, com a

boca babando na lona do chão da barraca, a areia esfoliando seu rosto doce.

Olhava para a porta e repassava mentalmente se havia de fato colocado na mala tudo o que precisaria. A mãe lhe ajudara com os documentos, uma irmã com as roupas. Deixou algumas peças para trás, para a alegria das duas. Todas na casa tinham o mesmo corpo. O pai estava viajando, despediram-se na semana anterior.

— Renatinha — gritou na mesa Arnaldão, pós-doc em Embriologia — já sabe o que vai pesquisar com os gringos?

Tinha proposto de fato um bom projeto. Mesmo a orientadora não acompanhava sua carga de provocações a partir dos textos em pelo menos quatro línguas diferentes. Embarcou em uma linha de pesquisa que era referência na Universidade, algo sobre componentes hereditários da obesidade. Justo ela, tão magrinha.

Passou os olhos pelos amigos da mesa. Em maior ou menor grau, todos sabiam da história. Alguns até previam no começo que o final não seria bom. Cláudio estudava as aranhas-marrons, fartas em Curitiba, traiçoeiras em seus esconderijos entocados nas casas antigas de madeira.

Os músicos embalaram do *jazz* para um sambinha mais ritmado. Bateu com as unhas na mesa o ritmo, podia disfarçar um tanto da mão nervosa. Os pés já estavam tremendo dentro do salto doze, o máximo que conseguia usar. Comprou um sapatinho na Teffé, aproveitou a promoção da rua das lojas de calçados. Dois na verdade. E mais três botas. Não sabia se poderia se dar a este tipo de luxo sendo bolsista em um país estrangeiro. Estava usando o mais bonito.

Cláudio era alto e forte. Trocaram algumas mensagens pelo celular durante a semana. Talvez devesse ligar e per-

guntar se ele viria. Sim, seria se rebaixar. Uma fêmea não deve se privar da condição de presa. Em poucas horas seria uma presa em fuga? De que lhe valeu todo o orgulho, amor próprio à flor da pele, bradar na cantina da faculdade que dele nem a sombra a interessava mais?

Seguia batucando na mesa. Alguns levantaram para dançar. A turma do mestrado inventou de fazer aulas de dança de salão na sexta-feira há uns anos. Ela foi junto para encerrar a semana com um pouco de suor no corpo. Descobriu-se fácil demais de ser conduzida, parecida boa de ritmo, compreensiva com os pisões e tropeços daqueles acadêmicos pouco afeitos a colocar o corpo em movimento. O curso fez bem para a galera, quase toda agora a sua frente, compondo uma massa de alegria que em nada tinha a ver com o que sentia ao olhar a porta do bar. Melhor ao menos mandar um torpedo. Escreveu algo que podia dizer tudo, sem falar nada.

“Estou aqui na frente”, a resposta que veio em dois minutos.

Foi até a janela e viu o tipo encostado na moto. Aproveitou-se da dança com os passinhos das aulas que tomavam a atenção de todos e foi até lá. Quando a viu se aproximando, ele montou na moto, dono de uma certeza de que ela apearia. Atravessando a rua, pensou no casquinho que ficara pendurado no encosto da cadeira.

Cláudio gostava, de certa forma, de Renata. Não sabia apenas que forma era aquela de gostar sem querer a companhia. Quando soube pelo informativo do Centro Acadêmico da bolsa que ela ganhara, ficou feliz. Seria um bom final

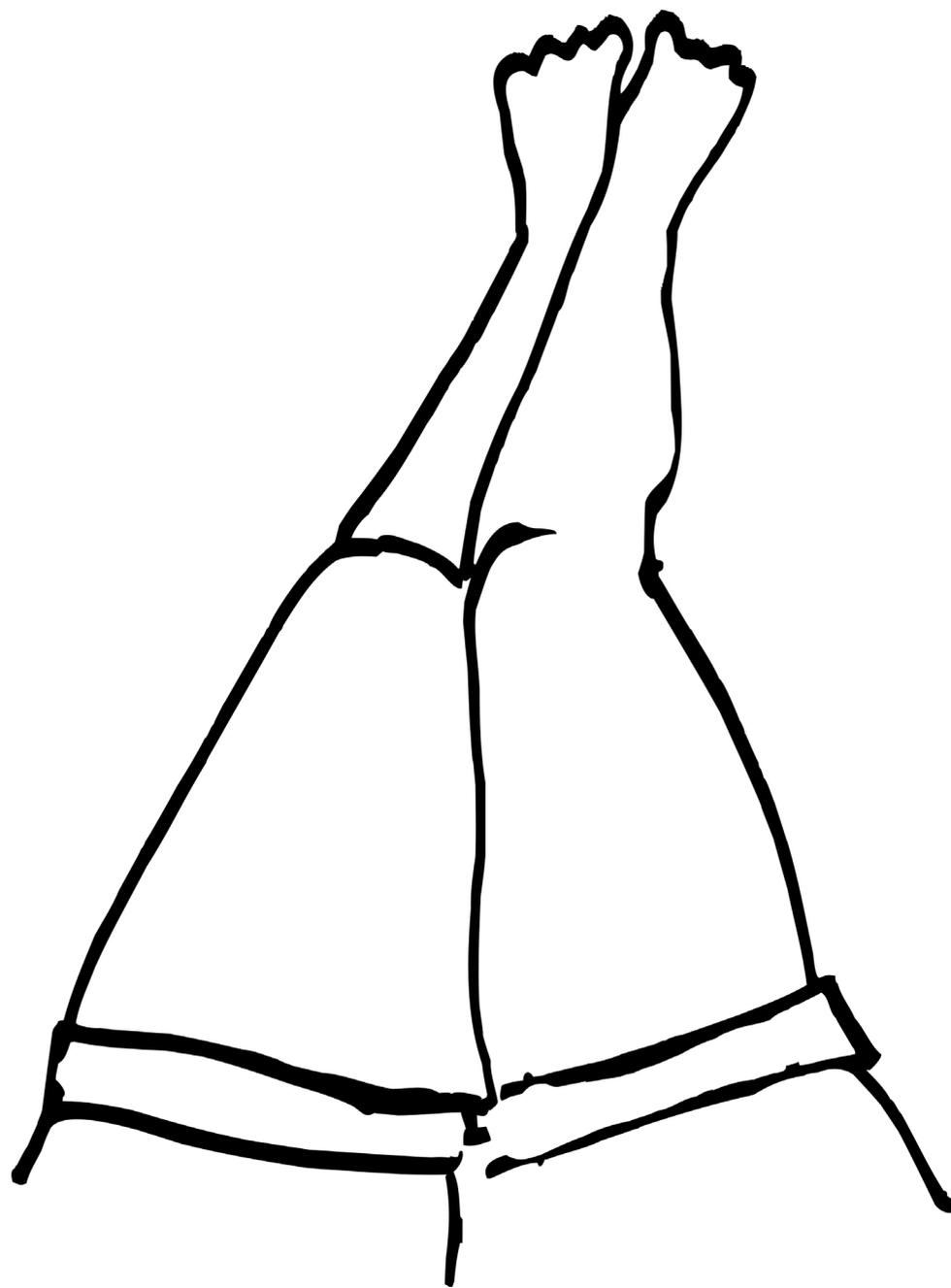
para o que começara por acaso em Superaguí. Renata era frágil, pequena, delicada, gostosa, quente, disposta, aconchegante. Na moto, ela transpassou as mãos pela sua cintura, apoiou os seios firmes contra suas costas. Pouco falaram antes que ela trepasse na moto. Ele mesmo não sabia por que tinha decidido vê-la, nada podia oferecer, tampouco pedir. Parou em frente às ruínas de São Francisco, perto de uma barraquinha de cachorro-quente.

— Está decidida? — disse Cláudio, depois de um abraço demorado que sufocou o choro de Renata.

— É o melhor.

Não tinha certeza das palavras. Notara na mão do lado do acelerador a aliança dourada. Torcia para que ele a levasse naquela última noite para o Pops, duas quadras pra baixo, trinta reais por uma hora e meia de despedida em um lençol amarelado.

Cláudio tocou direto para a casa dela, teria preferido não tirar o capacete no adeus: esconderia a única lágrima. Antes de passar pelo portão, ela deixou o rosto disponível para o beijo possível, mas ganhou um descuidado selinho no canto da boca. Da cama, mandou um torpedo para uma amiga, dando explicações do sumiço e pedindo que trouxesse no dia seguinte o casquinho que ficou na cadeira. Deitou sem tomar banho, querendo preservar o cheiro do motoqueiro para quem sabe levá-lo em alguma necessidade. Demorou para pegar no sono. Tirou do criado mudo o vibrador, que estava sem pilhas. Usara as duas últimas na máquina digital, que também esquecera na mesa do bar. ■



 **Luiz Andrioli** é autor da obra infantojuvenil *A menina do circo* (2009) e do livro de contos *O laçador de cães* (2012). Mestre em Estudos Literários pela UFPR com a dissertação “O silêncio do vampiro”, sobre a obra de Dalton Trevisan, também é jornalista e atua como gestor de conteúdo para TV e internet no Grupo RIC Paraná. Vive em Curitiba (PR).

# A angústia do dia seguinte

*Viagem ao fim da noite*,  
de Louis-Ferdinand Céline,  
é uma das obras mais  
influentes do século XX,  
mas ainda divide opiniões  
por causa do antissemitismo  
assumido do autor





OMAR GODOY

Nestes tempos em que boa parte das pessoas parece estar mais preocupada em agradar e ser benquistada, a simples menção ao nome de Louis-Ferdinand Céline (1894 — 1961) pode representar uma provocação. Considerado por muitos o primeiro escritor maldito e marginal da História, o francês até hoje divide opiniões por conta de suas posições políticas condenáveis, que acabaram ofuscando uma das obras mais influentes da literatura.

*Viagem ao fim da noite* (*Voyage au bout de la nuit*, 1932), livro de estreia de Céline, fez a cabeça de uma lista interminável de autores e intelectuais. De Henry Miller a Lev Trótski — passando por Jean Genet, Charles Bukowski, Jack Kerouac, Will Self, Pedro Juan Gutiérrez —, muita gente se encantou com sua prosa ao mesmo tempo fluida e erudita, vulgar e poética, sarcástica e filosófica.

Semi-autobiográfico, o romance não traz exatamente uma trama com começo, meio e fim. Trata-se de um monólogo de quase 600 páginas, em que o personagem/alterego Ferdinand Bardamu faz observações pessimistas e desagradáveis sobre sua trajetória acidentada. Um percurso que começa na Primeira Guerra Mundial, passa pela África colonial, pe-

los Estados Unidos em acelerado processo de industrialização e retorna a uma França já sem o *status* de grande potência.

Como Céline, Bardamu interrompe os estudos, alista-se no exército e encara de perto o absurdo da guerra. São apenas algumas semanas no campo de batalha, mas o suficiente para que ele sofra um ferimento grave e perca qualquer esperança na raça humana. A partir daí, o personagem passa a se deixar levar pelas circunstâncias, abraçando-se numa única motivação: sobreviver. Para isso, desenvolve uma personalidade fria e irônica, que Trótski chamou de “visão passiva do mundo”.

Depois da guerra, Bardamu parte para a África, contratado como gerente de exploração numa colônia francesa. Ali, testemunha mais uma série de barbaridades e conhece Robinson, figura igualmente desiludida com a sociedade e que se torna fundamental em todos os momentos decisivos de sua vida. Doente, o protagonista abandona o trabalho e embarca de navio para os Estados Unidos, onde consegue trabalho como operário numa fábrica de automóveis.

Cansado de ser tratado como mera mão de obra, quase um escravo, retorna à França e termina seus estudos na área de saúde. Vira médico na periferia e, mais tarde, funcionário de um

manicômio. O cenário agora é um país recém-saído de uma guerra (e prestes a entrar em outra) e cuja pobreza tornou as pessoas mesquinhas, hipócritas e aproveitadoras. Outro prato cheio para *insights* encharcados de niilismo.

“Eu tinha visto coisas demais para estar feliz. Eu sabia demais e não sabia o suficiente. O que é pior é que a gente fica pensando como que no dia seguinte vai encontrar força suficiente para continuar a fazer o que fizemos na véspera e já há tanto tempo, onde é que encontramos força para essas providências imbecis, esses mil projetos que não levam a nada, essas tentativas para sair da opressiva necessidade, tentativas que sempre abortam, e todas elas para que a gente se convença uma vez mais que o destino é invencível, que é preciso cair bem embaixo da muralha toda a noite, com a angústia desse dia seguinte, sempre mais precário, mais sórdido”, escreve, lá pelas tantas.

### Nome manchado

Publicado em outubro de 1932, o livro foi um sucesso instantâneo, de público e crítica, mundo afora. E, apesar de odiar tanto a esquerda quanto a direita, Céline passou a ser saudado por intelectuais dos dois lados do Fla-Flu ideológico. Tudo indicava que o médico, agora

alçado à fama como romancista, já havia garantido sua entrada no clube dos escritores consagrados, mesmo com uma única obra no currículo. Mas uma “viagem errada” manchou para sempre seu nome.

Em 1936, Céline respondeu algumas críticas negativas ao seu segundo romance, *Morte a crédito*, da pior maneira possível: chamando todos os resenhistas de judeus (como se isso fosse um insulto). Em seguida, iniciou a produção de uma série de panfletos antissemitas agressivos e passou a colaborar com jornais partidários do nazismo. Como se sabe, a ocupação alemã na França não durou tanto tempo quanto ele esperava, e o preço a pagar por sua simpatia ao Terceiro Reich seria caríssimo.

Logo após o Dia D, o escritor fugiu para a Dinamarca com a mulher. Mesmo assim, foi condenado a um ano de prisão em Copenhague, a pedido do governo francês, que o acusou de traidor de pátria. Anistiado, voltou à terra natal em 1951 e retomou as atividades como médico. Escreveu mais seis romances (entre eles *De castelo em castelo*, *Norte e Rigodon*), praticamente ignorados, e morreu pobre e sem amigos, em 1961. Tinha 67 anos.

Ainda hoje, qualquer iniciativa para homenageá-lo na França é duramente criticada por uma ala significativa da intelectualidade daquele país. Há, no entanto, quem defenda uma leitura de sua obra que separe o cidadão do escritor. Para estes, Céline foi uma espécie de bode expiatório da classe artística francesa dos anos 1940, que simplesmente abriu as pernas para o nazismo com receio de perder seus privilégios.

Por mais paranoico que fosse com relação aos judeus, Louis-Ferdinand Destouches (seu nome de batismo) jamais transferiu seu antissemitismo para os livros que escreveu. Não à toa, alguns deles foram editados até em Israel. Uma prova de que sua obra sobreviveu ao tempo, às patrulhas ideológicas e, principalmente, à burrice. ■

# SAMBA EM DOR MAIOR

O filho chega pela manhã, já ao telefone. “Fica em R\$ 640”, diz. “O banco falou que parcela em três...”. Desliga o aparelho, prometendo pagar uma parcela depois da quarta-feira de cinzas. Só então adentra o quarto. Por um segundo contempla a mulher, prostrada na cama. Aproxima-se, beija-lhe a testa e diz “Oi, mãe”. Passa a mão pelos cabelos dela, depois pousa na testa, como quem toma a temperatura. Tira a jaqueta, ajeita sobre o espaldar da cadeira de plástico que fica em frente ao leito, volta-se para a mãe e aperta-lhe a mão, chamando-a. “Põe um pouco disso, respira”, pede, colocando sobre o nariz da mulher a máscara de oxigênio que estava sobre o peito. Ela entreabre os olhos, mas parece nada ver. Faz um gesto débil com a mão, como quem recusa algo desagradável. Sem oferecer mais resistência, o filho recoloca-lhe a máscara e a segura por alguns instantes.

Finalmente para e observa o restante do quarto, em busca de alguma novidade. No meio agora repousa uma senhora, oriental. Está de olhos fechados, cenho franzido, talvez uma leve dor. Mechas brancas misturam-se ao negro profundo do cabelo curto, cortado rente à nuca. Vários fios, que pendem dos frascos de plástico sustentados pelo suporte de ferro, somem por debaixo das

suas cobertas. Ao lado dela uma outra mulher, cabelos castanhos, magra, envelhecida, talvez 40, talvez 50 anos. Quem sabe o que o tempo fez com ela, quem sabe o que ela fez do tempo? Sentada na cama, olha o vazio, num misto de cansaço e resignação. Não tem um dos pés. De repente, dá um gemido, um ai dolorido e engole um amargo.

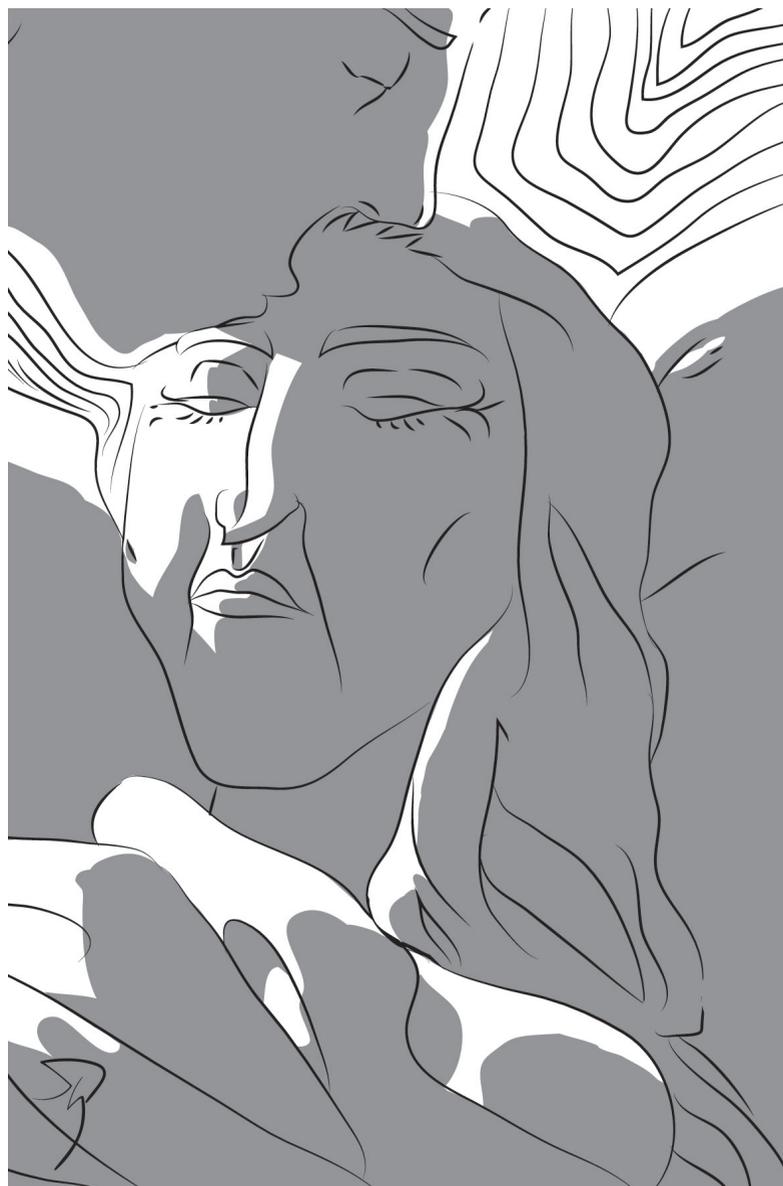
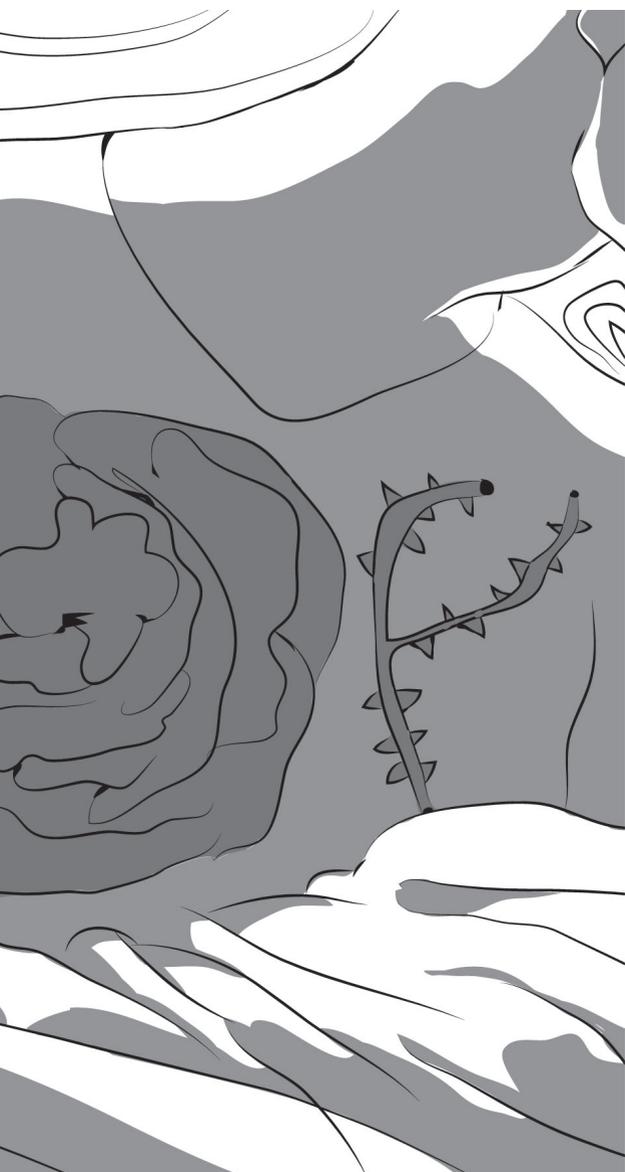
O filho detém-se novamente na mãe. No suporte dela há vários frascos, bolsas e tubos, de cores diferentes, com fios de espessura diferente também, além de duas pequenas máquinas esverdeadas que bombeiam algo para dentro do corpo. Ele fica ali, ora de braços cruzados, ora ajeitando os lençóis, buscando alguma razão na inutilidade de seus gestos. Dobra o cobertor, coloca sob as pernas da mãe, que estão flácidas e sem força, já inanimadas. Sentado, toma o telefone e digita. “Oi, avisa aí que hoje não posso ir... Tá, então falo com ele... Segunda ainda dá tempo, depois só na quinta...” Pende a cabeça para o alto, mirando o teto.

Uma senhora assoma à porta, olha a mãe e depois o filho. Tem olhos claros e a pele também. A maquiagem cobre pequenas feridas no rosto. Diz-lhe alguma coisa sobre paciência. Ele agradece com a cabeça, sem demonstrar a chateação. Uma ou duas vezes por dia é assim, alguém aparece, faz cara de



consternação, diz palavras de alento, fala em fé, força maior... Sabe que não pode desdenhar dessas demonstrações de piedade, mas sente um incômodo. Parecia que queriam simplesmente adiantar a coisa, aproveitando a oportunidade para uma despedida, ou talvez aquietando o próprio coração, aflito com o sofrimento alheio. O que mais incomodava era a publicidade do caso, como se todos que adentravam o corredor do hospital soubessem, de alguma forma, do estado de sua mãe. Quem seriam os tagarelas, seriam as enfermeiras, os outros internos, seus familiares, acompanhantes, quem? Vinham direto à porta, já sabendo quem

Ilustrações:  
**Guile Dias**



os cinco irmãos saiu à mãe. “Força da raça”, orgulhava-se o pai. Mas quando crianças sempre escutavam cochichos, bochichos, risadinhas. A mãe ficava transtornada, a cara avermelhada, e de brava passava a furiosa. Dava de dedo, saía pisando duro. Os meninos resolviam a seu modo, geralmente com punhos fechados e pontapés. As meninas é que sofriam mais, sofriam duas vezes: primeiro pelas ofensas, sempre com rimas, depois pelo destino, que não fez a pele delas, o cabelo, nada parecido com a mãe. Vez ou outra diziam que se odiavam por isso.

Um senhor, de camisa azul e sapatos pretos, assoma à porta e pergunta como a mãe esta. Sem dar tempo ao filho responder, ele começa a dizer que somos todos egoístas, que não queremos que se vão aqueles que gostamos, que devemos agradecer pela própria vida, e que ele tinha feito isso quando o pai morrera, embora ele bebesse, jogasse e judiasse da mãe. Mais isso e aquilo outro, que há sim milagres na vida, que ninguém pode adivinhar nem prever os desígnios superiores, pois há um tempo para cada um na terra; e que por isso não devemos nos revoltar nem mesmo quando crianças, grávidas ou gente saudável morre. Tudo isso em dois minutos, mas pareceu um longo sermão, daqueles de quem precisa acreditar nas próprias palavras.

A mãe se agita, parece engasgar-se com o próprio ronco. O filho a ampara, ergue seu pescoço, que já não suporta a própria cabeça. Olha sua boca entreaberta, seus olhos fechados. De repente, ela abre os olhos, revira-os e volta para encará-lo, como se suplicasse pelo último suspiro. ■

 **Rogério Ivano** é professor universitário em Londrina, onde vive. É autor do livro de contos *Os opostos se distraem* e da biografia *Haruo Ohara – Lavrador de imagens*, com M. Losnak, entre outros. Participou do curta-metragem *Satori Uso*, premiado em Gramado em 2007.

ali estava. Suspira e mira o vazio.

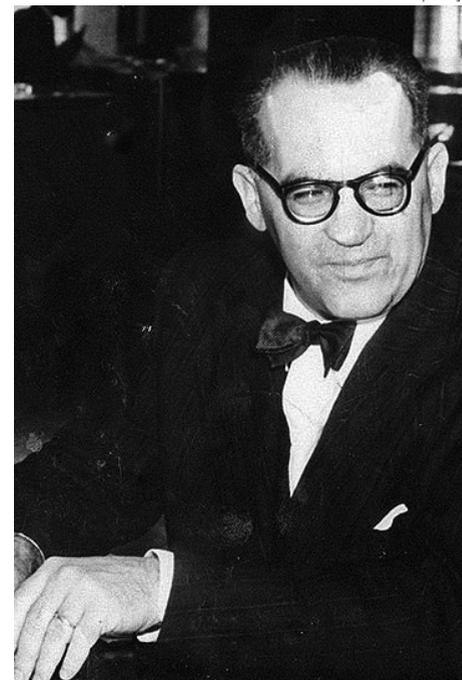
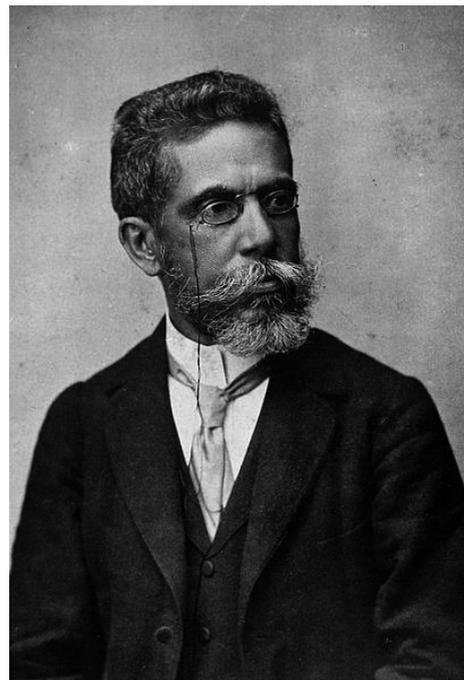
“Esse ano sua mãe não vai sambar”, disse o médico dias atrás. “Quem sabe...”, desdenhou o filho, em silêncio. Ainda é sexta, ainda há sábado, domingo... mas e daí? Era ridículo imaginá-la

enfiada numa fantasia, se requebrando num batuque! Há tempos ela já não ia ao culto, há anos ela abandonara a missa. De qualquer modo, achou grosseiro o tratamento do doutor. Todos sabiam que o sucesso da cirurgia era quase nenhum, mas ele não tinha o direito de dar uma sentença daquele jeito, frio, irônico, querendo se fingir de engraçado. Antes de ser uma paciente, a mãe era uma mulher com história, família, marido, filhos; filhos já criados, mas ainda vivendo sob o mesmo teto com ela. Agora viviam a seus pés, se revezando na vigília.

A pele da mãe, alva, contrastava com a sua, morena. Ninguém entre

# A longevidade da narrativa ficcional em prosa





Fotos: reprodução

O professor da UERJ Marcus Soares cita José de Alencar, com *Iracema*, Machado de Assis, com *Dom Casmurro*, e Guimarães Rosa, com *Grande sertão: veredas*, como pontos altos do romance no Brasil.

Considerado por muitos como o mais completo, complexo e importante gênero literário, o romance chega ao século XXI com aceitação do público e sobrevive a profecias que anunciaram o seu fim, seja o advento do cinema ou da televisão

MARCIO RENATO DOS SANTOS

“O romance é a arte acima da arte”. A afirmação de Raimundo Carrero pode dividir opiniões e separar leitores, críticos e escritores como um Grenal, em Porto Alegre, um Flaflu, no Rio de Janeiro, e um Atletiba, em Curitiba, faz com que uma pessoa se posicione em trincheira no lado oposto de

quem veste uma camisa diferente da sua. Afinal, não poucos acreditam que a poesia é o máximo em termos de linguagem. Outros preferem o cinema. Muitos defendem o teatro como a mais importante expressão artística — e há ainda os que militem pelo conto.

Mas o ponto de vista de Carrero, 65 anos, autor de 21 livros, tem a sua pertinência. O romance sobrevive à passagem do tempo. Inclusive, desafia profecias que sugeriram o fim da longa narrativa ficcional em prosa — tese que surgiu com o advento do cinema, no final do século XIX. “A estrutura básica da narrativa literária — tempo, espaço, narrador e personagem — se alterou em face das características próprias da narrativa cinematográfica. Por exemplo, o cinema provocou a não-linearidade e não-irreversibilidade do tempo, que pode parar, inverter-se e prolongar-se. A literatura do século XXI assumiu essa instabilidade do tempo através do desenvolvimento do recurso de colagem”, afirma a professora de Letras Clássicas e de Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(UFRGS) Lucia Rebello.

A especialista da UFRGS chama atenção para o fato de que, a partir do cinema, o romance se reinventou. “Nenhum outro gênero narrativo irá acabar com o romance”, diz a doutora em Letras e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Regina Kohlrausch. O cinema, observa a estudiosa, propicia uma imagem pronta, própria da sua natureza. “Por outro lado, a literatura proporciona uma descrição dessa imagem e a minha leitura, interpretação e imaginação irão propiciar a minha imagem, que poderá ou não coincidir com a imagem de outro leitor”, completa Regina Kohlrausch.

Quando a televisão surgiu, em meados do século XX, mais uma vez surgiram vozes decretando um novo apocalipse. Mas o romance não acabou. “Porque [o romance] oferece um tipo de experiência com o imaginário que não se encontra em nenhuma outra arte: tudo no romance, desde a criação até a recepção, depende, única e exclusivamente, do trabalho da imaginação”,

argumenta o professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Marcus Soares, a respeito da longevidade da narrativa ficcional em prosa que sobrevive — entre outros motivos — por trazer conflitos humanos recriados artisticamente.

### Mercado e mito

O marco zero do romance moderno divide opiniões: pode ser *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes, ou *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe (leia mais no artigo da professora Daniela Beccaccia Versiani). Durante esses mais de 300 anos, o gê-

nero adquiriu cada vez mais prestígio e audiência. Atualmente, é mais fácil publicar um romance do que, por exemplo, um livro de contos.

“É verdade. Os números de vendas indicam isso. Eu pessoalmente, que adoro contos, acho uma pena”, comenta Vanessa Ferrari, editora da Companhia das Letras. A empresa paulistana tem mais de dois mil títulos de ficção no catálogo, com predominância de romances em relação aos contos. “A Companhia das Letras publica vários contistas, mas certamente se o público lesse mais, publicaríamos mais”, completa Vanessa.

A professora de Literatura Bra-

“ Só nos cadernos de cultura que o romance contemporâneo está em alta. Quem, de fato, lê essas longas narrativas produzidas no tempo presente? Talvez os jornalistas culturais.”

Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM.



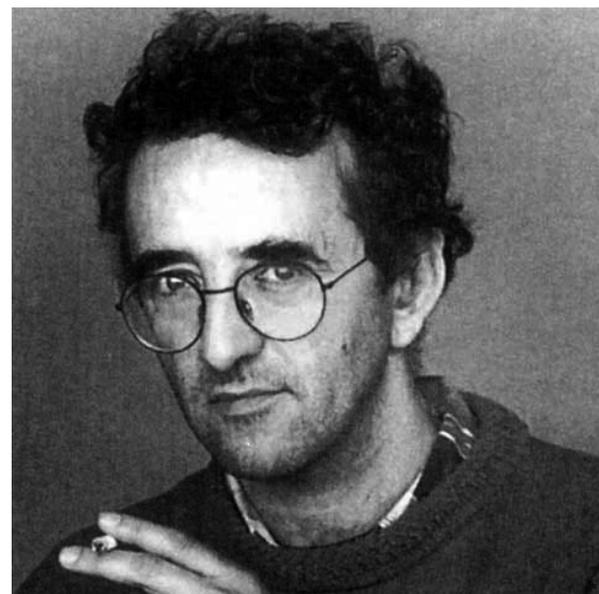
Ivan Pinheiro Machado publica romances de nomes consagrados, como Honoré de Balzac, Charles Bukowski e Charles Dickens. Mas o editor e proprietário da L&PM não acredita na máxima segundo a qual o romance vende mais do que qualquer outro gênero literário. “Tudo é relativo. Um grande contista é cem vezes melhor que um mau romancista”, afirma.

sileira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Tânia Regina Oliveira Ramos diz entender a lógica do mercado. “O romance permite a leitura intervalar, o marcar a página, o voltar, o esquecer, o desejo que a história não chegue ao fim”, analisa. Na opinião de Tânia, o conto é um pequeno romance. “Mas ele [o conto] exige a atenção sem intervalo. Quem não lembra de um bom conto? Quem não tem na memória um bom conto para contar?”, questiona a professora da UFSC, acrescentando que — apesar da particularidade de cada um dos gêneros [romance e conto] — do ponto de vista do mercado editorial o romance é mais fácil para consagrar um autor. “E autor consagrado vende mais.”

Ivan Pinheiro Machado, da L&PM, sabe — na prática — que autores consagrados movimentam o negócio. Ele publica, entre outros romances, *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, *O jogador*, de Fiodor Dostoiévski e *Lucíola*, de José de Alencar. Mas Pinheiro Machado não acredita que o romance tenha, necessariamente, mais apelo de venda do que o conto, sobretudo quando se trata de obras de autores contemporâneos. “O romance está em baixa”, dispara. “Só nos cadernos de cultura que o romance contemporâneo está em alta. Quem, de fato, lê essas longas narrativas produzidas no tempo presente? Talvez os jornalistas culturais”, opina o editor e proprietário do selo gaúcho.

### **Painéis, pessoas e abismo**

1922 foi o ano em que o romance virou uma página. Para nunca mais voltar atrás. Depois da publicação de *Ulisses*, de James Joyce, tudo o que era regra consolidada linha após linha, século depois de século, começou a se desmanchar. Lucia Rebello, da UFRGS, acredita nisso. “A literatura pós-*Ulisses* trouxe



A professora da UFRGS Lucia Rebello acredita que Roberto Bolaño, Chico Buarque e Jonathan Franzen podem ser considerados bons autores porque nos fazem buscar o entendimento de uma literatura que não veio para substituir a antiga, mas para propor a diversidade através da fusão de vozes de personagem e criador e da relação entre ficção e realidade.

a desestabilização da forma literária do romance a partir de um jogo de colagens com fragmentos de discursos da sociedade moderna, trazendo recortes da vida de personagens, seja de um homem, seja de uma mulher”, teoriza a professora gaúcha.

No caos moderno, acrescenta Lucia, Joyce usou o clássico de Homero e sua ordem como moldura para organizar o seu material ficcional e, em lugar de retratar os feitos de Ulisses, colocou um homem comum caminhando pelas ruas tortuosas de Dublin. “Enquanto o herói clássico lutava com gigantes, Bloom luta no cotidiano do homem moderno, com o absurdo de sua existência”, teoriza a estudiosa da UFRGS.

Raimundo Carrero concorda com o argumento de Lucia Rebello. “A partir de Joyce, o romance perde o sentido de multidão e passa a ser pessoal. Portanto, o romance passa para os polos extremos e depois entra no eu narrativo”, afirma. O romancista que ministra cursos de criação literária em Recife (PE) observa que, no contexto pós-Joyce, os autores escrevem sobre situações ou circunstâncias. “Não nos preocupamos com painéis, que seriam mera repetições de Tolstói”, diz, referindo-se, por exemplo, a *Guerra e paz*, monumental romance do autor russo — que em recente edição brasileira ultrapassa a barreira das duas mil páginas.

Mais do que a extensão, a qua-

lidade de um romance depende de outras variáveis. “O romance é sempre uma carta anônima que um louco escreve ao mundo no clímax da angústia existencial”, define Carrero. O escritor compara uma narrativa ficcional ao bilhete de um suicida. “Um livro é lançado como o homem que segura o revólver no céu da boca. Todo verdadeiro escritor deve estar consciente disso. Por isso sobrevive a todas as mortes. A desgraça da literatura é que ela morre a todo instante, mas imediatamente renasce”, reflete o autor do romance *Minha alma é irmã de Deus* — obra que recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional, e o Prêmio São Paulo de Literatura, como o melhor livro do ano.

Lucia Rebello, da UFRGS, analisa que o que faz de um romance um bom romance é a possibilidade de o leitor vivenciar uma segunda vida que evoque uma sensação consistente de realidade e autenticidade. “Além disso, o que a boa literatura sempre fez e deve continuar fazendo é questionar o nosso estar no mundo, refletir sobre nossas condições existenciais e históricas”, afirma a especialista. Marcus Soares lembra que um romance deve ser bem escrito. “Pode parecer um truísmo, mas é algo que se percebe em alguns novos autores: não há cuidado com as palavras. Um pouco de excelência estilística não faz mal a ninguém, muito menos ao leitor”, sugere o professor da UERJ. So-

“O romance permite a leitura intervalar, o marcar a página, o voltar, o esquecer, o desejo que a história não chegue ao fim.”

**Tânia Regina Oliveira Ramos**, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

ares faz questão de ressaltar que o “filosofismo” é algo que poderia ser evitado pelos escritores. “No Brasil, depois de Clarice Lispector, muitos romancistas acreditaram que a densidade existencial de suas narrativas dependeria da carga filosófica de seus textos. Ficou tudo muito enfadonho: não se atinge o grau de reflexão da escrita filosófica e ainda se perde a dinâmica narrativa de uma história bem contada”, sugere.

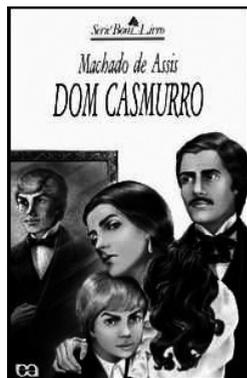
Acima de tudo, diz Carrero, o que se mantém no romance, desde Cervantes, desde sempre, é o abismo do ser humano — “e só o romance é capaz de contemplá-lo”. ■

“A partir de Joyce, o romance perde o sentido de multidão e passa a ser pessoal. Portanto, o romance passa para os polos extremos e depois entra no eu narrativo.”

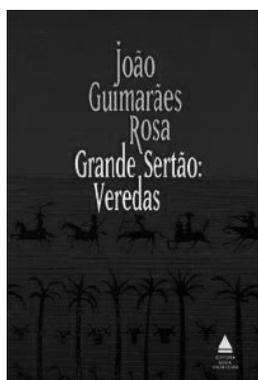
**Raimundo Carrero**, escritor.

## Obras

A convite do **Cândido**, o escritor Raimundo Carrero indica dez romances fundamentais e explica o motivo da escolha: “A narrativa do século XXI está mais próxima do sentimento, da música, do que as palavras e as ações. Daí os romances que cito”



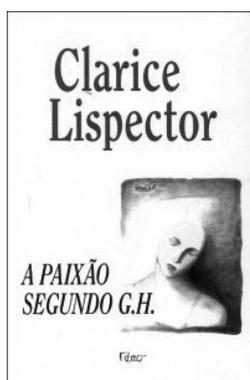
*Dom Casmurro*, de Machado de Assis



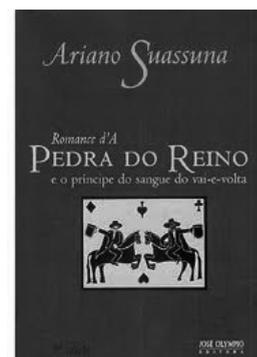
*Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa



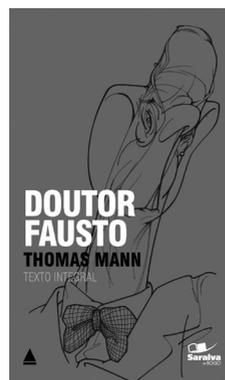
*Fogo morto*, de José Lins do Rego



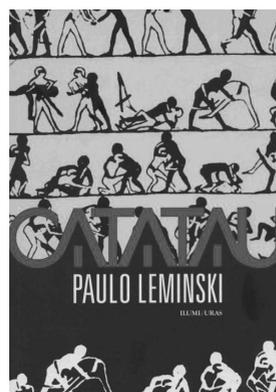
*A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector



*A pedra do reino*, de Ariano Suassuna



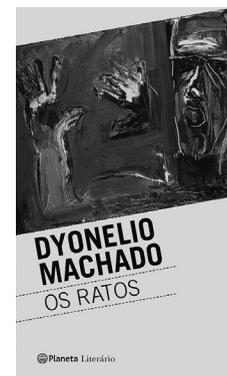
*Doutor Fausto*, de Thomas Mann



*Catatau*, de Paulo Leminski



*O púcaro búlgaro*, de Campos de Carvalho



*Os ratos*, de Dyonélio Machado



*Ulysses*, de James Joyce

## Autores

Doutora em Letras, a professora da Faculdade de Letras da PUCRS Regina Kohlrausch elaborou uma lista de alguns dos mais expressivos romancistas no Brasil e no mundo. Ela justifica as escolhas: “Pela capacidade de expressar e/ou representar a sua e a nossa época com seus dilemas objetivos e subjetivos de forma singular.”

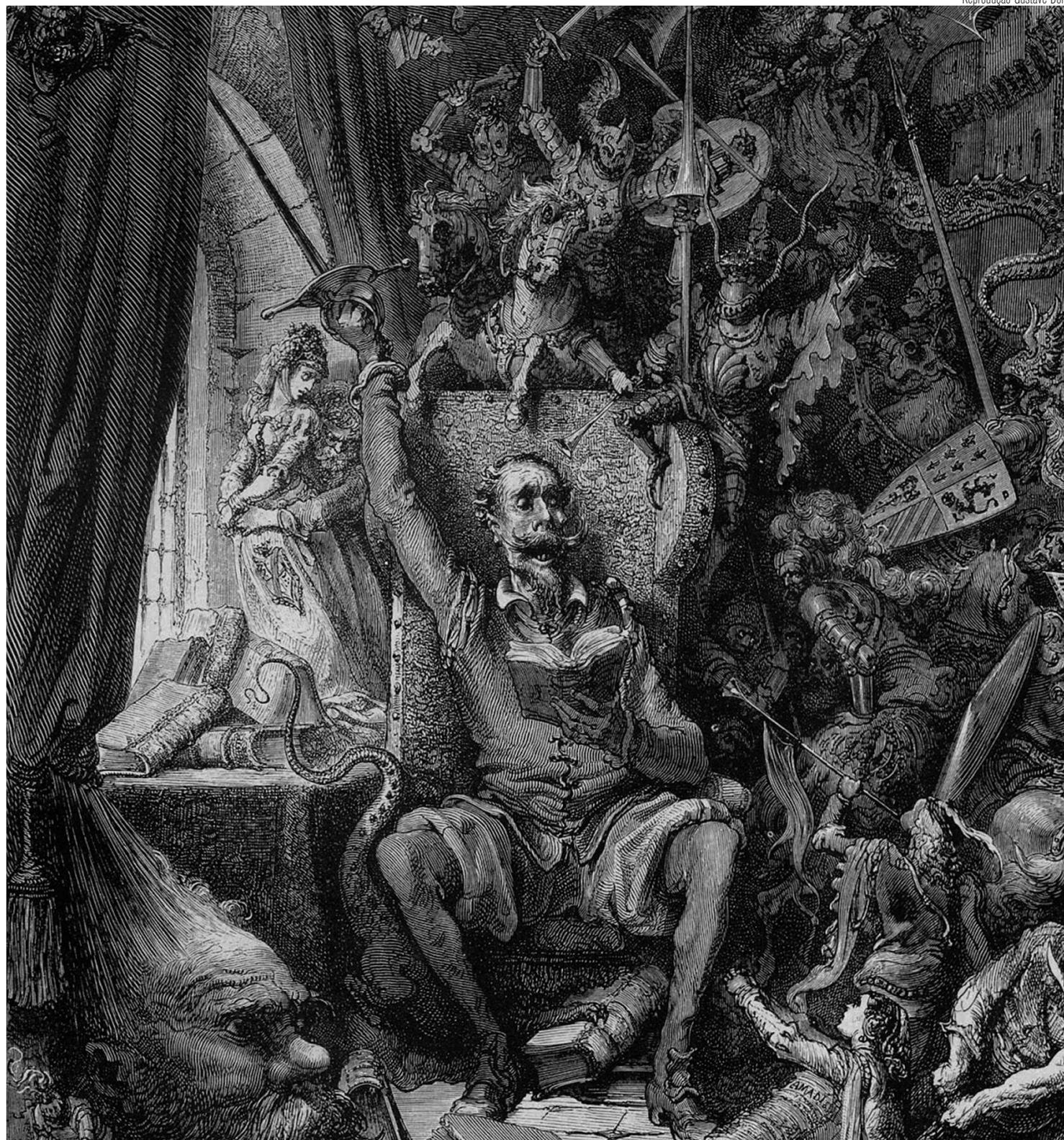
- Machado de Assis
- Graciliano Ramos
- Guimarães Rosa
- Clarice Lispector
- Josué Guimarães
- Erico Verissimo
- Nélida Piñon
- Lygia Fagundes Telles
- João Gilberto Noll
- Milton Hatoum
- Bernardo Carvalho
- Luiz Ruffato
- Elvira Vigna
- Miguel de Cervantes
- Gustave Flaubert
- Honoré de Balzac
- Thomas Mann
- Fiódor Dostoiévski
- James Joyce
- Virginia Woolf
- Marcel Proust
- Eça de Queiroz
- Gonzalo Torrente Ballester
- Gabriel García Márquez
- Enrique Vila-Matas
- Philip Roth
- J.M. Coetzee
- Roberto Bolaño

# Um romance, o romance

Doutora em Letras, a professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), **Daniela Beccaccia Versiani**, explica neste ensaio o que é o romance moderno, quais as suas origens até chegar ao século XX, quando foi publicado em 1922, *Ulisses*, de James Joyce – um marco da longa narrativa ficcional

**D**eitar-se em uma rede, num fim de tarde, abrir um livro na página anteriormente marcada, deixar-se embalar por uma brisa fresca e pelas palavras do narrador de um bom romance. Esse talvez seja um dos mais adoráveis, e relativamente acessíveis, prazeres da vida. Ler um bom romance é dar-se a oportunidade de reencontrar os sons encantatórios das narrativas e os mundos alternativos por elas construídos.

Muitos são os textos capazes de nos proporcionar experiências de leitura estimulantes. No entanto, cada gênero literário produz efeitos bastante específicos em seus leitores. Efeitos que dependem de características que não se relacionam apenas aos seus conteú-



Reprodução Gustave Doré

A ilustração mais célebre de Dom Quixote, feita pelo francês Gustave Doré.

dos ou temas, mas também à sua forma. Apesar de serem em geral tratados separadamente, conteúdo e forma são faces interligadas da mesma moeda. E os efeitos de diferentes textos literários sobre o leitor dependem, em grande parte, do arranjo específico entre seus conteúdos e a forma através da qual tais conteúdos são mostrados.

Assim, esperamos que o poema expresse muito em poucas palavras. Que o conto nos envolva quase imediatamente em uma história densa e breve, com um final surpreendente. Que a crônica nos faça ver, de modo especial e inusitado, acontecimentos banais do cotidiano. E o romance? O que esperamos desse gênero especial de narrativa?

### O romance

Costuma-se dizer que o romance carrega dentro de si os genes das grandes epopeias gregas. Uma longa narrativa, construída em geral por uma multiplicidade de histórias que, à medida que avançam, constroem um mundo no qual o leitor se deixa perder, enredado às experiências dos personagens com os quais passa a partilhar sua própria epopeia pessoal. Contudo, ainda que a grandeza do romance moderno possua, é verdade, certas semelhanças com a poesia épica da Antiguidade e, nesse sentido, com as epopeias gregas, as contradições de seus personagens e de suas ações fazem dele uma forma de narrativa específica, com identidade própria.

A palavra “romance” guarda diferentes significados. Do latim “romanicus”, pode referir-se a dois gêneros literários: ou a composição poética de autor anônimo, transmitida pela tradição oral e que narra uma história, como ocorria com a balada medieval, ou a forma literária moderna de uma longa e complexa narrativa em prosa.

Nessa última acepção, os termos utilizados em outras línguas para referir-se ao romance nem sempre provêm

da mesma raiz etimológica. Franceses, italianos e alemães dizem respectivamente “roman” e “romanzo” e “Roman”, mas os falantes de língua inglesa usam a palavra “novel”. Para nós, brasileiros, a palavra “novela” designa duas diferentes formas: ou uma narrativa de extensão e complexidade médias, ou a nossa boa e velha telenovela que, se tomarmos a divisão proposta desde Platão e Aristóteles na teoria dos gêneros, deve ser corretamente inserida no gênero dramático, ou seja, no texto de características teatrais, concebido para ser encenado por atores.

O romance, a novela e o conto são formas literárias que se inserem no gênero narrativo. Elas costumam ser definidas e diferenciadas entre si pela sua extensão: o romance seria uma narrativa extensa, ou seja, de muitas páginas, o conto seria uma narrativa curta, de poucas páginas, e a novela... bem, um número, digamos, médio de páginas. Já se vê que essa distinção, baseada apenas no critério de extensão, deixa muito a desejar. Afinal: como estabelecer em que exato número de páginas passamos do conto para a novela ou romance?

Outro critério diferenciador, bem mais interessante, é aquele baseado na complexidade das estruturas da narrativa. Dois formalistas russos, Boris Eikhenbaum e Vladimir Propp, apontaram para certas diferenças fundamentais entre romance, novela e conto. No ensaio “Sobre a teoria da prosa” (1925), analisando a variedade de formas em prosa literária, Eikhenbaum afirmava que o romance guardaria semelhanças com a história e os relatos de viagens, nos quais a narrativa conta com a constante possibilidade de multiplicação de eventos, além de descrições e digressões filosóficas ou líricas, enquanto a novela, que teria sua origem em anedotas e histórias orais, partiria de um conflito inicial, seguindo até sua resolução fi-

nal de um modo simples e direto, como uma seta lançada com firmeza em direção ao alvo. Em “Morfologia do conto” (1928), Propp estabelece semelhanças entre o conto e os relatos sagrados ou maravilhosos, nos quais os efeitos buscados dependem de certa economia estilística e temática no desenvolvimento da história.

Como podemos notar, tanto para Eikhenbaum quanto para Propp, a diferença entre romance, novela e conto não está apenas em sua extensão, mas na própria estruturação e complexidade das estratégias narrativas neles utilizadas. Apesar de comumente contarem com uma extensão progressiva — a novela tendo extensão intermediária entre conto e romance —, é preciso mais do que isso para diferenciá-los.

A partir desses critérios, podemos compreender melhor os efeitos diversos que novela, conto e romance provocam no leitor. O “soco no estômago do leitor” a que todo contista almeja, não pode ser desferido sem a leitura feita preferencialmente em uma única sentada, nos poucos minutos, no máximo no par de horas, exigidos por essa narrativa breve. A sensação da passagem do tempo e das ações que se desenvolvem em um crescendo para chegar a um fim certo não poderia ser conseguida se a novela se estendesse em demasia, ou se apresentasse estratégias narrativas de maior complexidade, demandando mais tempo para que pudessem ser desenvolvidas pela narração ou apreciadas pelo leitor.

No caso do romance, o efeito de realidade e o conseqüente adentramento em outro mundo, um mundo alternativo, não poderiam ser atingidos sem a apresentação de um número maior de cenários e personagens, os quais atuam em inúmeras tramas e subtramas, exigindo do leitor um empenho prolongado, que por vezes pode se estender por dias e dias.

### Uma difícil escolha

A discussão sobre as características que diferenciam romance, novela e conto é importante porque nos permite perceber a complexidade das inúmeras variantes do gênero narrativo e suas muitas transformações ao longo dos séculos e em diferentes contextos. Contudo, é preciso ter em mente que tais transformações são, de certo modo, o resultado das percepções dos leitores, entre eles, os estudiosos de literatura que, *a posteriori*, observam retrospectivamente um conjunto de obras muitíssimo variado para só então definir e localizar obras fundadoras, novas formas literárias, continuidades e rupturas.

É o olhar retrospectivo do estudioso que estabelece quais seriam os momentos decisivos em que ocorrem mudanças significativas no sistema literário, como, por exemplo, o surgimento de um novo gênero literário. Além disso, essas escolhas também são feitas a partir de questionamentos e interesses estéticos, políticos, sociais e nacionais que o pesquisador tem por estar vivendo em um tempo e um lugar que apresentam suas próprias questões prementes.

Assim, a história da literatura, com suas periodizações e classificações, é uma possibilidade criada a partir de um ponto de observação que está irremediavelmente localizado no tempo presente do estudioso. A escolha, por exemplo, de qual seria o primeiro romance moderno, pode ser bastante variada. Para o teórico húngaro George Lukács o romance moderno é inaugurado com *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, publicado em 1605. Já para o historiador e crítico da literatura britânico Ian Watt, o primeiro romance moderno a merecer tal título é *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, publicado em 1719.

Não há como deixar de indagar se, e em que medida, as escolhas de Lukács e Watt teriam sido influenciadas por preocupações com seus próprios

contextos históricos e sociais. Sendo britânico, teria Watt escolhido como romance inaugural uma obra que não lhe permitisse tocar em questões colonialistas? Sendo um pensador alinhado com os pressupostos marxistas-materialistas, teria Lukács escolhido uma obra que não trouxesse a possibilidade de discutir o surgimento do capitalismo?

Apesar de diferentes motivações estéticas, sociológicas ou filosóficas para suas respectivas escolhas, tanto Lukács quanto Watt a justificaram por um princípio norteador comum: a capacidade que cada uma dessas obras teria para cumprir a função, para ambos importante, de representar questões candentes da sociedade em que surgiram. Para Lukács, a capacidade de expressão, em *Dom Quixote*, dos conflitos de um mundo a cavalo de duas eras: a era feudal, que se dissolvia, e a era moderna, que estabelecia novos valores orientadores das relações sociais. Para Ian Watt, a discussão, em *Robinson Crusoe*, de temas como a ascensão da burguesia, as relações de poder e submissão geradas pelo capitalismo e pelo processo colonizador.

É difícil decidir-se por uma ou outra dessas belas obras enquanto fundadoras do romance moderno. E, não é preciso dizer, qualquer decisão será totalmente tendenciosa e só justificada por razões mais ou menos confessáveis. Devido ao espaço de que disponho aqui, vou me ater a *Dom Quixote*.

### **Dom Quixote entre dois mundos**

Lukács reconhecia semelhanças entre o romance e outros gêneros literários mais antigos, do Oriente, da Antiguidade Clássica e da Idade Média, mas entendia que somente o romance em sua forma moderna teria sido capaz de estabelecer uma relação tão direta entre aspectos específicos da sociedade burguesa e a forma de representá-los em uma narrativa.

Isso pode ser observado na própria construção da figura de Dom Quixote que, montando seu cavalo Rocinante, tem um pé no estribo do feudalismo e no heroísmo decadente do mundo da cavalaria, e outro pé no estribo da sociedade burguesa e na realidade incontornável do mundo em que vive Sancho Pança, um mundo tomado de coisas feias e destituídas de honra.

Além disso, somente a singularidade dessa nova forma literária tornaria possível a apresentação quase simultânea de elementos trágicos e cômicos, de modo a diferenciá-lo de narrativas de dimensão épica anteriores. Decidido a viver os ideais nobres do mundo feudal, herdado de suas leituras das novelas de cavalaria, Dom Quixote é constantemente confrontado com a realidade prosaica e rasteira em que vive Sancho Pança.

Em um mundo construído a partir da realidade cotidiana, o trágico e o cômico, mantidos sempre à distância um do outro na longa tradição literária ocidental, passam agora a coabitar a mesma obra e o mesmo personagem. Em *Dom Quixote*, a grandeza, tanto da personagem quanto da obra, deriva exatamente de duas impossibilidades que agora se sobrepõem: a inviabilidade de seu protagonista mostrar-se plenamente heroico, já que a todo momento se coloca em situações risíveis, e a inviabilidade de mostrar-se livremente cômico, já que está aprisionado a um irreversível destino trágico.

Essa incontornável inadequação do personagem Dom Quixote é consequência não de uma fraqueza moral ou de caráter, mas tão somente da disparidade entre seu modelo de mundo idealizado e uma situação histórica pautada pelo princípio da realidade nua e crua, que transforma suas qualidades de cavaleiro em comportamentos francamente ridículos. Ao narrar as aventuras do cavaleiro da triste figura a partir

da sobreposição do trágico e do cômico, Cervantes oferece o retrato patético — e poético — de um mundo feudal que se desfaz em uma realidade sem lugar para idealismos.

Assim, o cômico e o trágico, o sublime e o ridículo, convivem na mesma obra e no mesmo personagem. E as contradições do mundo burguês encontram lugar no romance de Cervantes: as mesmas qualidades do protagonista são ora benéficas, ora perniciosas porque valoradas não mais a partir de um sistema ético ou estético externo e estável, mas segundo o contexto histórico e social incerto e manipulável em que a personagem se localiza. Se confrontado com seu mundo idealizado, o cavaleiro da triste figura veste uma armadura brilhante. Se confrontado com o mundo de Sancho Pança, sua armadura não passa de pedaços mal-ajambrados de papelão velho. Para o próprio Dom Quixote, seus valores são incontestáveis e permanentes, mas aos olhos de seu escudeiro, Sancho Pança, são o prenúncio da insensatez.

Outro importante aspecto vem somar-se à valorizada capacidade de representação da realidade, fazendo com que a obra de Cervantes seja percebida como inaugural. Além de afastar-se definitivamente das tradicionais narrativas medievais por meio de estratégias narrativas inovadoras, capazes de incorporar os conflitos fundamentais da nova sociedade que então se articulava, *Dom Quixote* apresenta tais conflitos não por meio do verso, mas por meio da prosa, que ganha dimensões grandiosas, e que se justifica e valida exatamente pelo *status* rasteiro e menor dos conflitos que são por meio dela representados.

Assim, se em *Dom Quixote* estão de fato apresentadas as contradições do novo mundo que nasce, esse mundo, marcado por uma realidade prosaica e interesseira, é narrado em prosa, a qual ga-

nha uma estatura que, na Antiguidade e no mundo feudal, cabia apenas à poesia.

Outro tópico merece ser destacado nessa obra que é tida por muitos como o primeiro romance moderno: o exercício de reflexão sobre a própria literatura e seus poderes sobre o leitor.

Nos primeiros capítulos de *Dom Quixote*, o leitor vem a saber que a suposta loucura do protagonista é efeito de leituras incontroladas de romances de cavalaria, habitados por cavaleiros movidos pela honra e castas donzelas em perigo. Essa apresentação jocosa dos perigos da leitura e da literatura é um tema que será recuperado em romances posteriores. Em *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert, a protagonista Emma também deve a sua ruína, em parte, às leituras incontroladas de romances românticos, que lhe mostravam um mundo onde eram abundantes as possibilidades de vivenciar grandes paixões e aventuras, um mundo que, ansiado pela protagonista, não pode ser transportado para a sua prosaica e entediante vida de esposa de um medíocre médico de aldeia.

Dom Quixote e Emma Bovary são, ambos, leitores tomados pelos poderes ilusionistas e encantatórios das narrativas

É difícil apontar outro romance que tenha alcançado, na história da literatura ocidental, tanta importância quanto *Dom Quixote*. Talvez — e reitero esse talvez — o romance *Ulisses*, do escritor irlandês James Joyce, possa ser colocado nessa posição. Indubitavelmente *Ulisses*, de James Joyce, é um dos mais significativos romances do século XX, sendo considerado um importante marco da literatura ocidental e representante de destaque do modernismo literário e suas técnicas narrativas. Mas esse experimentalismo na linguagem também pode ser exemplificado por outras importantes obras, de autores



como Virgínia Woolf, John dos Passos, William Faulkner, Samuel Beckett, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, entre outros. Com isso quero dizer que, mais próxima do ponto de observação em que nos encontramos, é difícil estabelecer que obra poderia rivalizar, em importância, com *Dom Quixote*.

No entanto, *Ulisses* é sem dúvida uma obra que realiza, em escala monumental, uma das propostas mais interessantes do projeto modernista: a discussão sobre os limites e possibilidades da linguagem e da representação do mundo por meio dela.

Escrito entre os anos de 1914 e 1921, *Ulisses* foi publicado em capítulos

no ano de 1921, recebendo sua primeira edição em 1922. Com cerca de 900 páginas, ganhou reconhecimento por estratégias narrativas que, buscando representar a fragmentação do mundo e do sujeito, radicalizavam a tentativa de reproduzir os processos mentais pelo uso do fluxo de consciência, de trocadilhos, jogos de palavras, alusões e paródias, em um extraordinário exercício de transgressão da linguagem que, a um só tempo, multiplica suas possibilidades enquanto revela seus limites.

Tendo por cenário a cidade de Dublin, na Irlanda, *Ulisses* narra os acontecimentos de um único dia na vida de Leopold Bloom: 16 de junho de 1904.

Tarefas banais, como fazer a barba pela manhã, tomar uma xícara de chá, passear pela praia, ganham dimensão heroica, fazendo com que muitos afirmem que *Ulisses* é a epopeia do homem moderno. Além disso, qualquer tema da existência humana é tomado como matéria para reflexão: a filosofia, a política e a economia, e o barbear. A sociologia, a religião, a religiosidade, e o chá da tarde. A moral. A solidão. O inconsciente. O jornalismo e a publicidade. Caminhar na praia. As artes plásticas. A literatura.

Ao fazer referências diretas à *Odisseia*, de Homero, *Ulisses* sem dúvida explicita seus próprios débitos, e os do romance moderno, para com as epo-

peias gregas. Contudo, ao escolher como desafios para a grande aventura do protagonista, não tarefas sobre-humanas, mas as prosaicas situações enfrentadas pelo seu protagonista ao longo de um dia comum, paga tributo também a *Dom Quixote*. Com a diferença que Leopold Bloom, ao contrário do cavaleiro da triste figura, sabe-se perdido no cotidiano pequeno-burguês da cidade Dublin. E no fluxo incontrolável da linguagem. ■

**Daniela Beccaccia Versiani** é doutora em Letras, professora de teoria literária na PUC-Rio, escritora e tradutora. Publicou, pela editora 7Letras, os livros de ficção *A matemática da formiga* e *Três contos ilusionistas*. Paulistana, mora na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

# A implosão do romance

Fotos: Reprodução



David Foster Wallace, que se suicidou em 2008, é apontado pelo tradutor Caetano Galindo como um romancista inquieto.

Depois de um período de glória e muita popularidade no século XIX, o romance adquire novos contornos nas mãos de escritores interessados na experimentação da linguagem

LUIZ REBINSKI JUNIOR

“Um romance para acabar com todos os romances”. Assim a crítica dos anos 1920 saudou *Ulisses*, do irlandês James Joyce. Escrito ao longo de quase uma década, o romance acompanha as 24 horas do dia 16 de junho de 1904 na vida de Leopold Bloom. Ele acorda, toma café, vai ao trabalho, comparece ao enterro de um amigo, vai a um bordel, ouve música em um *pub* e volta para casa. Um enredo é aparentemente banal para um livro que pretendia virar de pernas para o ar a tradição romanesca. Mas reside na forma, e não tanto no tema, o grande atrativo de *Ulisses*. Joyce consagraria com o livro

o fluxo de consciência — estratégia que já aparece na obra de escritores como Fiodor Dostoiévski —, um recurso que seria amplamente utilizado por romancistas de todo o mundo, como a inglesa Virgínia Woolf, outra escritora que ajudou a demolir as bases que sustentavam o romance no século XIX. Em *Ulisses*, segundo Antônio Houaiss, o primeiro tradutor do livro para o português, o “fluxo de cada vida é tão heroico ou vulgar como o mito de Ulisses ou Ulisses mesmo”.

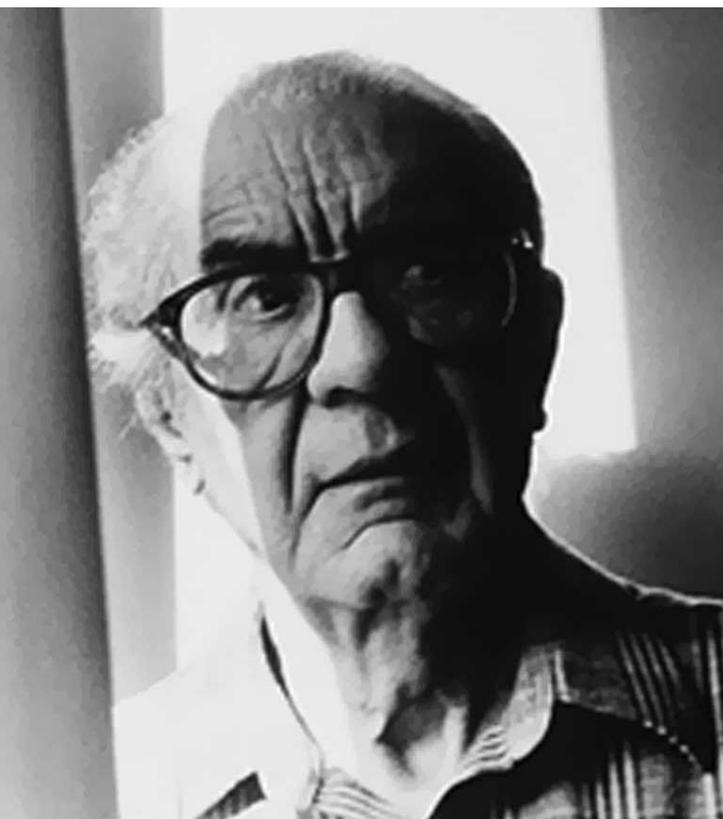
O fato é que se *Ulisses* não é de todo original, pois se apropria de recursos narrativos já utilizados anterior-

mente, o livro foi decisivo para que uma linhagem de autores interessados em experimentar novas formas narrativas surgissem. Beckett, amigo e colaborador de Joyce, foi um desses escritores. Apesar de sua obra mais famosa e difundida ser uma peça teatral, *Esperando Godot*, Beckett escreveu romances que dialogavam com a inquietação literária de seu mestre. A sua chamada “trilogia do pós-guerra”, formada pelos romances *Molloy* (1947), *Malone morre* (1948) e *O inominável* (1949), traz questionamentos modernos e o fim das certezas clássicas. Beckett trata da impossibilidade de comunicação em um mundo afetado por tantas barbáries (a Segunda Guerra Mundial, o nazifascismo, etc.), ou seja, a falência da linguagem em dar conta de uma realidade, digamos, inominável. Em um livro que o irlandês escreveu sobre Marcel Proust, Beckett diz que, para Proust, “a qualidade da linguagem é mais importante que qualquer sistema de ética ou estética. Na verdade, ele não faz nenhuma tentativa de dissociar forma de conteúdo”. A análise sobre o autor francês também pode servir como uma ótima explicação a respeito da obra beckettiana.

Apesar não identificar na virada do século XIX para o XX um período de “ruptura” do romance, Caetano Galindo vê em Joyce e Proust duas figuras centrais de um processo contínuo e tipicamente romanesco de renovação permanente, sem destruição do que já existia. “Joyce e Proust são figuras completamente diferentes, com estilos completamente diferentes de lidar com problemas bastante similares. Joyce era o investigador da forma, o cara que estava determinado a pensar sempre ‘o que’ queria fazer e começar a pensar meio tabularrasamente nos ‘comos’ que teria que empregar. Uma figura muito beethoveniana. Luciférina. Prometeica. Proust, não. Ele era um pensador. A prosa romanesca dele é bem menos

Ilustração:  
Allan Sieber





Campos de Carvalho, autor de *O púcaro búlgaro*, flertou com o surrealismo e escreveu uma obra que, apesar de ser enxuta, tornou-se única.

flexível, mas o que ele fez foi implodir precisamente as constrictões formais e, a mesmo tempo, investir num aprofundamento e numa polemização da relação romance-realidade, romance-enxuta, etc.”

Do outro lado do Atlântico, mas também disposto a balançar as bases da literatura de seu país, o norte-americano William Faulkner conjugou como poucos forma e conteúdo. Com uma prosa polifônica, em que vários personagens se revezam na narrativa, Faulkner escreveu diversos romances em que ousadas técnicas narrativas se misturam a histórias humanas cativantes e fortes, tais como *Luz em agosto*, *Palmeiras selvagens* e *Absalão, Absalão*. Mas certamente *O som e a fúria* é seu livro mais radical, sendo a parte inicial contada por Benjamin, o deficiente mental da família Compson. Faulkner utiliza o fluxo de consciência como estratégia narrativa para falar da ruína do clã após o fim do modo escravista de produção. Ao trabalhar com espa-

ço, tempo e linguagem, tendo a falência moral e econômica de parte dos Estados Unidos como mote, Faulkner se aproxima dos procedimentos literários de Joyce. Nos Estados Unidos, William Kennedy, décadas depois, se revelaria um dos principais discípulos de Faulkner, ao lançar livros seminais como *Ironweed* e *O grande jogo de Billy Phelan*.

### Estilistas brasileiros

No Brasil, a primeira metade do século XX também representou um período fértil para a experimentação do romance. Em 1924 Oswald de Andrade, entorpecido pelo clima vanguardista da Europa, onde anos antes passou temporada, escreve as *Memórias sentimentais de João Miramar*, que nas palavras de Mário de Andrade foi uma “vitória da inteligência sobre o pensamento retrógrado que dominava a visão oficial das artes no Brasil”. Já entrando na década de 1930, quando o romance regionalista predominava, com Graciliano Ramos publicando seus mais célebres livros (*Caetés*, *Vidas secas*, *São Bernardo* e *Angústia*), Oswald lançou *Serafim Ponte Grande*, um romance completamente anárquico em que cabia tudo ali: teatro, poesia, colagem, paródia, relatos de memória, etc., tudo embalado por um tom picaresco que, setenta anos depois de sua publicação, exerceria grande influência em um livro ainda pouco lido e discutido, mas que desde já é um forte candidato a clássico da recente literatura brasileira, *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes. O *Zeca*, de Moraes, tem o DNA do Serafim, de Oswald.

Mas certamente um lugar especial entre os estilistas da literatura brasileira é reservado a João Guimarães Rosa. A exuberância linguística de sua obra ainda hoje não foi superada por nenhum outro escritor nacional. Sua obra-prima, *Grande sertão: veredas*, publicada em 1956, está repleto de neologismos, arcaísmos recuperados, lingua-

gem coloquial e regionalismo. O livro é um bloco de texto interiço, sem divisão de capítulos. Trata-se de uma verdadeira revolução na arte de contar “estórias”, que rendeu a Rosa diversos prêmios e lugar como um dos cem livros mais importantes de todos os tempos, de acordo com o prestigiado Círculo do Livro da Noruega. Rosa e seu *Grande: sertão* também influenciaram diversos escritores, tais como o paranaense Wilson Bueno e o pernambucano Osman Lins. Bueno se utilizou dos ensinamentos de Rosa para misturar catelhano, guarani e português em obras como *Mar paraguayo*. Já Osman Lins, assim como Campos de Carvalho, autor de *O púcaro búlgaro*, foi ainda mais longe e levou a experimentação linguística às últimas consequências, por vezes fazendo uma obra de difícil leitura e compreensão. *Avalovara*, seu livro em que a preocupação com a forma atinge ponto máximo, representou, segundo o crítico Antonio Candido, “um momento de decisiva modernidade na ficção brasileira”.

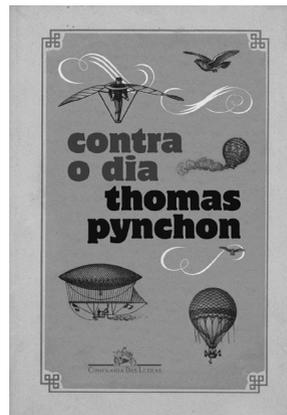
Já Paulo Leminski, com seu *Catatatau*, e Haroldo de Campos, com *Galáxias*, escreveram romances únicos na literatura brasileira. Influenciados por Joyce e o concretismo, utilizaram o romance como plataforma para um experimento barroco em que poesia e prosa se confundem.

### Novos rumos

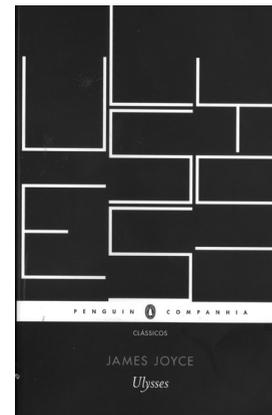
Assim como em diversas outras manifestações artísticas, a percepção de esgotamento da linguagem narrativa é algo comum para muitos críticos. “Parece que o romance anda caretando. Vejo a carreira do David Foster Wallace como uma grande luta contra a constatação de que as formas experimentais não tinham mais relevância. O [Jonathan] Franzen se acomodou. Ele queria entender isso. Queria encontrar um jeito de ser novo, de novo, nesse mundo novo, em que inclusive era necessá-



*O som e a fúria* revolucionou o romance americano ao contar parte da história sob o ponto de vista de um deficiente mental.



*Contra o dia* é mais um experimento inventivo de Thomas Pynchon, escritor americano conhecido por abarcar um leque gigantesco de assuntos e personagens em seus livros.



*Ulisses* representou um marco na literatura mundial ao ser lançado em 1922.

rio reconhecer que talvez já seja velho ser novo à moda do *Ulisses*”, diz Caetano Galindo a respeito de dois dos mais festejados escritores americanos hoje.

Outro nome da literatura contemporânea que se impõe entre os estilistas é o de Thomas Pynchon. O recluso escritor é dono de uma prosa anárquica, em que a história principal é encoberta por várias subtramas, com a participação de centenas de personagens. Seu livro *O arco-íris da gravidade*, publicado em 1973, é considerado uma obra-prima a literatura do século XX. Pynchon também tem predileção por misturar gêneros literários em seus romances e por criar personagens caricatos e altamente excêntricos, como o rato que lê a bíblia em *V*, seu primeiro romance, e um cachorro fã de Henry James, um dos tipos que povoa as mais de mil páginas de *Contra o dia*, seu penúltimo livro.

“Pynchon é um romancista pleno, que aborda todo tipo de tema, que varia de registros e tons, que escreve obras imensas e imensamente ambiciosas e que encontrou, no seu retrato de paranoia, lirismo, piração e redenção pelo amor, o jeito mais interessante — e ridículo, tem que ser as duas coisas ao mesmo tempo — de retratar a cabeça dos Estados Unidos, que, quer a gente queira quer não, são o fenômeno mais presente e mais determinante do último século”, diz Galindo, tradutor de *Vício inerente*, mais recente romance do norte-americano. ■



# Longe demais das capitais



Professores universitários afirmam que não existe uma “literatura paranaense” e que o reconhecimento dos romancistas que nasceram ou vivem no Paraná ainda depende do respaldo de vozes de outros Estados

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Há mais de dez anos, questionado a respeito de “como estava a literatura do Paraná”, o escritor curitibano Jamil Snege (1939-2003) respondeu — de maneira resumida — o seguinte: “Não existe literatura do Paraná.

Já escutou alguém perguntando sobre a literatura paulistana ou carioca? Claro que não. O que existe é literatura produzida por pessoas e algumas dessas pessoas vivem no Paraná.”

A observação do Turco, como o escritor era conhecido e chamado pelos amigos, faz sentido e encontra ressonância hoje no professor de Literatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Venturelli e também no professor de Literatura da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Marcelo Franz.

“Enquanto for [literatura feita] no Paraná, tudo bem. O erro estaria em [dizer literatura] do Paraná, procurando entre nossos escritores algo específico daqui. Nossos autores são brasileiros e se inserem neste contexto maior, explorando o que vale de Norte a Sul”, afirma Venturelli, completando que “não existe

um romance paranaense”.

Marcelo Franz diz não se entusiasmar com a definição de um “caráter” local para a criação de autores paranaenses, mas procura entender de onde isso surge. “O discurso em favor de uma literatura paranaense quer salientar que a expressão artística dos escritores do Estado seria a expansão de um ‘*etos*’ paranaense, que resulta de fatores como a nossa relação com o meio — o clima, a paisagem, etc. — com a constituição étnica dos paranaenses e com fatores históricos ligados à nossa colonização. Isso suscitaria e determinaria uma ‘voz’ própria”, argumenta o professor da PUCPR.

A conversa a respeito de uma possível literatura paranaense, nas palavras de

Marcelo Franz, “soa muito século XIX”. “Lembremos que Wilson Martins tem um livro em que define o Paraná como “um Brasil diferente”, por ser um Estado constituído por elementos de meio, raça e socialização que o ‘particularizariam”, completa Franz.

## Subjetividades e idiosincrasias

Venturelli afirma que no Paraná, como em outros Estados, os escritores dão vazão à sua própria subjetividade, procuram caminhos pessoais para a criação e, quando escrevem, têm o seu projeto estético próprio sem qualquer ligação com outros [autores]. “Isto é natural, porque estamos na era da subjetividade e do individualismo e o romance é o gêne-



Fotos: divulgação

Cezar Tridapalli, Carlos Machado, Luiz Felipe Leprevost, Otto Winck e Guido Viaro. Cinco romancistas, cada qual com a sua sensibilidade e dicção peculiar.

ro que mais se presta para expressar esta tendência social e, como ‘tudo’ pode ser romance, cada um aqui vai procurar suas fontes e seu ancoradouro, seja baseado em sua experiência de vida ou na imaginação pura e simples que, claro, não se descola dos processos sociais em que todos estão inseridos”, analisa.

Entre as várias longas narrativas ficcionais escritas por autores nascidos ou residentes no Paraná, Venturelli destaca *A polaquinha* [que também pode ser lido como um conjunto de contos], de Dalton Trevisan, “pelo diálogo sarcástico e irônico com *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo”; *Uma noite em Curitiba*, de Cristovão Tezza, “pela força do personagem que se vê envolvido nas mais inu-

sitadas situações e consegue ir abrindo um caminho a machadadas”; *Terra Vermelha*, do Domingos Pellegrini, “pela força da pesquisa histórica”, *O livro do medo*, de Guido Viaro “pela força na prospecção dos personagens”; *E se contorce igual a um dragãozinho ferido*, de Luiz Felipe Leprevost, “pela linguagem coloquial e malandra e marginal que dá um sabor todo especial ao texto” e *Para que as árvores não tombem de pé*, de Maria Célia Martirani, “pela imagética e um certo sabor niilista do discurso romanesco”.

Franz acrescenta, à lista de Venturelli, Rocha Pombo — “precursor, contemporâneo dos simbolistas, que escreveu o esquisitíssimo *No hospício* no começo do século XX”, Jamil Snege, Miguel San-

ches Neto, Paulo Sandrini e Paulo Leminski, com *Catatau* — o mais universal dos “nossos” textos romanescos. Além deles, outras vozes também se afirmam como romancistas, entre os quais Fábio Campana (*O guardador de fantasmas e Ai*), Otto Leopoldo Winck (*Jaboa*), Cezar Tridapalli (*Pequena biografia de desejos*), Carlos Machado (*Poeira fria*) e Luci Collin (*Com que se pode jogar*).

Escritor e recém-integrante da Academia Paranaense de Letras, Venturelli observa que, entre as possíveis lacunas da longa narrativa ficcional produzida por autores que nasceram e/ou vivem no Estado, falta alguém abordar o mundo gay. “Por isto, estou me encarregando do tema”, anuncia. Ele diz ter realizado

pesquisa detalhada sobre a vida noturna em Curitiba, com resultados surpreendentes. “Descobri uma outra cidade, um outro mundo que ninguém quer ver ou joga para o gueto. A população gay em Curitiba é imensa e tem marcas culturais sui generis, seus locais de encontro, suas formas de namorar, seus bares, suas boates”, comenta.

O futuro projeto de Venturelli tem possibilidades de encontrar ressonância, entre outros motivos, pelo ineditismo do tema. No entanto, o professor da PUC-PR diz, não sem algum lamento, que o conhecimento dos autores locais pelo público local tem dependido — e sempre dependeu — da chancela que eles recebem da “inteligência” de fora do Paraná. “Em geral, é só quando outros centros reconhecem — com justiça ou não — os nossos autores que, ‘do nada’, reparamos que são bons e passamos a amá-los”, finaliza — e o exemplo de Cristovão Tezza, consagrado nacionalmente com *O filho eterno* (2007), após décadas escrevendo e publicando romances, comprova a tese de Marcelo Franz. ■

# ROMANCE

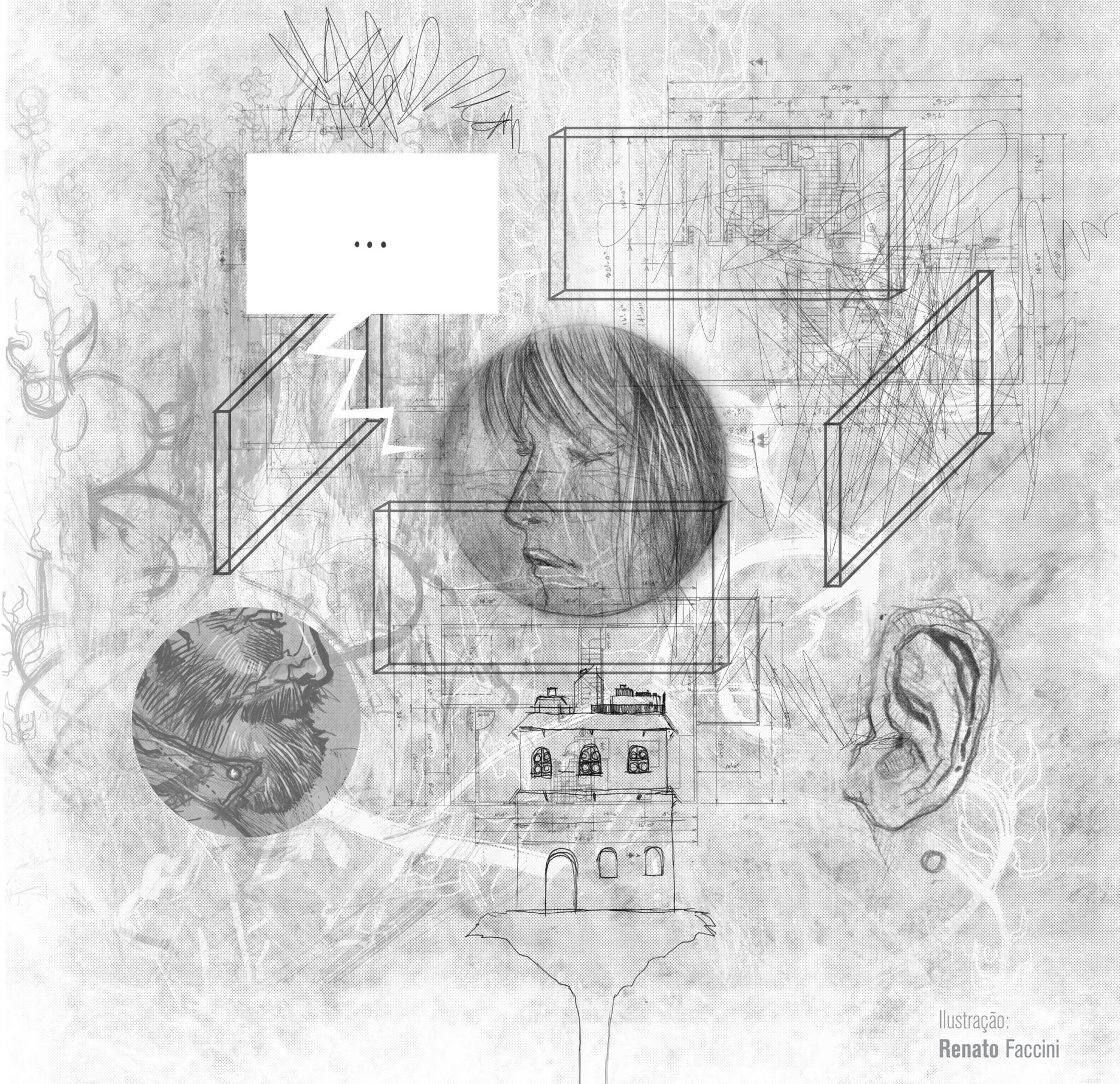


Ilustração:  
**Renato Faccini**

# TERRA DE CASAS VAZIAS

Teresa parou à entrada da cozinha. Estava descalça e vestia um roupão branco sobre uma camiseta preta na qual se lia, em letras amarelas, o nome de uma banda. O roupão estava aberto e a corda se arrastava pelo chão; ela cantarolava em voz baixa.

Arthur deixara os folhetos amontoados sobre a mesa. Todos os continentes representados em vinte e seis folhetos coloridos repletos de desinformações. O mundo sobre a mesa da cozinha, ou uma ideia de mundo — vaga, superficial, estupidamente colorida.

Aquilo tudo parecia pesar.

É claro que não passava de um amontoado de papéis, mas Teresa não se surpreenderia caso os pés da mesa se dobrassem e ela viesse ao chão num estrondo. (Teresa sempre esperava que as coisas se dobrassem e viessem ao chão num estrondo.) Calou-se ao pensar nisso, e a música que cantarolava pareceu nunca ter estado ali. A mesa posta. De certa forma. Por assim dizer. Mesas, edifícios, pessoas. A mesa posta por Arthur. Era o jeito dele, seu *modus operandi*, deixar tudo jogado em vez de falar a respeito. Uma espécie de pragmatismo distorcido, ou pseudopragmatismo: as coisas ou estão ali, ou não estão; não percamos tempo discutindo sobre o que não está; o que não está à minha frente não existe; não posso nem preciso me preocupar com o que não existe.

À entrada da cozinha, Teresa pensava mais uma vez no que *não* estava à sua frente, no que cessara de existir. Aquilo que não existia mais ou deveria ter deixado de existir como que a habitava, era justamente o que estava nela, o que havia dentro dela.

Cruzou os braços, fechou os olhos por um instante.

Como esquecer, obliterar?

Mesas, edifícios, tudo dobrado e vindo ao chão num estrondo. E pesso-

as? Não, ainda não. Hoje, não.

Não agora.

Um pouco antes, cruzando a sala, teve a curiosidade de parar e olhar através da janela. Ainda podia fazer isso, não? Sim, um pouco que fosse. Parar e olhar para fora. Talvez estivesse melhor. Ou não, apenas um hábito difícil de perder. Você é a soma dos seus hábitos, dizia-lhe o pai. Todas as coisas ditas pelos pais e que não significam coisa alguma nenhuma. Viu outra manhã de outono implausivelmente chuvosa. Um vento forte castigava as árvores do parque lá embaixo, do outro lado da rua, como se quisesse arrancá-las. Árvores migrando feito pássaros: algo inédito e ao mesmo tempo desolador. Ou desarvorador. Pressentiu um dia arrancado da companhia dos outros dias, fora do tempo, diverso, bastardo. Não um dia *melhor*, necessariamente. E, de resto, o que seria isso? Escancarar a janela, que o vento também a levasse embora. Abriria os braços. Veja: sem raízes aqui. Mas e Arthur? Às vezes, não conseguia se lembrar dele, levá-lo em conta, e sentia-se mal por isso. Que besteira, não? Fechou as cortinas. O vento lhe arrancaria os braços, e só. Permaneceria fincada ali. Seu tronco, pelo menos. O tronco enraizado.

Na cozinha, Teresa finalmente se aproximou da mesa. Por quanto tempo permanecera à porta, temendo avançar ou recuar, cantarolando e depois em silêncio? As árvores prestes a migrar atrás de si, lá fora. Arrancada da companhia dos outros. Fora do tempo. Sentou-se sem descruzar os braços. Estranho como as cores dos folhetos nada tinham a ver com os lugares a que se referiam. Um folheto verde para a Alemanha, um vermelho para a Argentina, um preto para o Japão e por aí fora. Ela aprendera a ligar esses e os outros lugares a cores bem diferentes das que

via estampando a papelada sob seus olhos. Eles não podiam fazer melhor do que isso? Qual seria a dificuldade? Uma mísera olhada nas cores das bandeiras, e pronto. O mundo daltônico ou simplesmente cego. Ou talvez fosse ela que não enxergasse bem, não mais. As malditas cores nacionais. Vermelho-sangue para todos. Nossa história e as histórias dos outros. A Irlanda, por exemplo, sobreviveria sem a cor verde. Não? Desde que os irlandeses não soubessem, talvez. Mas azul? Imaginou uma senhora irlandesa passando os olhos por um folheto sobre o Brasil. Que cor teria? Magenta. Ou cinza. O dia lá fora. A imagem daquelas árvores quase desterradas pelo vento ilustrando a capa, a legenda: *árvores migratórias do centro-oeste brasileiro*. Não que essas coisas fossem mesmo importantes. Sua cabeça repleta de desimportâncias, bastarda em relação ao resto. Ao resto de seu próprio corpo, ao resto do mundo. O vento e as árvores lá fora, as cores dos folhetos sobre a mesa.

Descruzou os braços e desviou o olhar da mesa abarrotada para o aparelho telefônico grudado na parede. Como se pressentisse. Como se soubesse. Levantou-se. No momento em que o relógio do micro-ondas marcou oito horas, o telefone tocou. A voz de Arthur:

— Deu uma olhada?

Ela cruzou o braço esquerdo e apoiou nele o cotovelo direito. A mão segurava o telefone desajeitadamente, o bocal à altura do queixo.

— Acabei de levantar — disse.

— Dá uma olhada, tá? Deixei aí para você olhar.

— Eu sei.

— Pois é. Deixei aí para você olhar — ele repetiu, o tom de voz ligeiramente mais alto. Como se ela não tivesse ouvido da primeira vez. A voz



ansiosa dele. — Peguei quase tudo que eles tinham e deixei aí.

— Eu percebi.

— Para você olhar.

— Já entendi essa parte.

— Eu sei, eu só queria...

— Ainda nem tomei meu café da manhã.

— Mas, olha, se você pensar em algum outro lugar, é só dizer.

— Acabei de levantar.

— Eles têm pacotes pra tudo que é lado.

— Meio que dormindo ainda.

— Tem lugar que a gente nem sabe que existe e eles têm pacote para lá.

Ela tentou imaginar como seria um lugar cuja existência ignorassem, mas logo desistiu. Não estava interessada. Mas, qual seria a cor do folheto de um lugar assim? A cor branca seria muito óbvia? Um copo de leite:

— Você comeu? Tomou café antes de sair? — não que estivesse realmente preocupada com isso, com ele.

— Vai nos fazer bem. Você sabe disso, não sabe? Quer dizer, a gente concorda nesse ponto, não concorda?

Ela não respondeu. Ele continuou falando, repetindo aquilo tudo. Ela achou que o melhor seria se repetir também:

— Eu acabei de levantar.

— Ei, a gente pode ir para Montevideu outra vez.

— Montevideu?

— Se você quiser.

— Montevideu?

— É. Montevideu.

— Não quero ir para Montevideu.

— Lembra quando a gente foi? Não foi tão bom, eu sei. Mas depois vieram me falar que a gente foi na época errada do ano.

— Na época errada do ano? E quando é a época certa?

— Eu não sei. Posso me informar, se você quiser.

— Não, não precisa se informar.

— Coisa rápida.

— Não, não precisa fazer nada, pelo amor de Deus. Seja você. Você sempre ficou quieto, nunca fez nada. Não precisa fazer nada agora. Juro que não precisa. E não tem nada que eu queira fazer em Montevideu.

— Mas essa é a ideia — ele quase gritou. Tão animado. Depois se acalmou, e ela pôde ouvi-lo se ajeitando na cadeira e avançando sobre a mesa, os cotovelos deslizando sobre o tampo, para dizer quase num sussurro: — Essa é a ideia. Não fazer nada.

Exatamente, ela pensou. Não fazer absolutamente nada. Não falar, não se mover. Não respirar. Nada, nada. Mas como explicar para ele?

— Eu não... — Melhor nem tentar. Ainda assim: — Eu não...

O silêncio da espera dele. Você não o quê?:

— Você não o quê?

Quase sem se dar conta do gesto, desligou o telefone. O braço direito estendido, a mão encaixando o aparelho no gancho. A coisa mais simples do mundo. Mais simples e mais tranquila e mais boba e mais. Sussurrou um pedido de desculpas e sentou-se à mesa outra vez. Percebeu ter pedido desculpas ao telefone. Por ter se separado dele assim. Por tê-lo empurrado, afastado de si. Que horror. Eu não devia ter feito isso com você. Me perdoa? Contou até cinco em voz alta. No momento em que disse *cinco*, o aparelho tocou outra vez. Arthur não parecia nervoso. Meu Deus. O que é que há com você? Qual é a porra do seu problema?

— Dá uma olhada — ele implorou. — Só isso. Por favor.

Ela fitava os folhetos quando concordou:

— Tá bom.

Esperou que ele desligasse para recolocar o aparelho no gancho. Não quero mais ter que pedir desculpas para você. Suspirou. Nunca mais.

Alguns pratos e copos amontoados dentro da pia. Os azulejos brancos começando a encardir. A pequena janela sobre a pia entreaberta e o vento frio se insinuando cozinha adentro. Um pouco de chuva caindo sobre a louça suja, alguns respingos.

Isso não vai adiantar muito, ela pensou enquanto levava as duas mãos aos cabelos loiros, agora curtos. (Arthur dizendo: — Gostei. Te deixa mais nova.) Cortara os cabelos quarenta dias depois do acontecido porque Arthur tinha começado a dizer que ela precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa. Justo ele dizer uma coisa dessas e justo ela concordar, preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Mas cortar os cabelos não ajudou muito. Não ajudou em nada. Ela não se sentiu mais nova ou melhor ou sequer diferente. Outra aparência, a mesma expressão enlutada. Aquilo não era nada, não significava merda nenhuma, os mesmos cabelos, só que mais curtos, é óbvio, assim como ela permanecia a mesma, só que menor, podada, alguém cujos braços tivessem sido arrancados.

Tiraram *isso* de mim. Vê? ■

 **André de Leones** é autor dos romances *Dentes negros* e *Hoje está um dia morto* (vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2005), entre outros. O romance *Terra de casas vazias* foi selecionado pelo Programa Petrobrás Cultural (por meio do qual o autor recebeu uma bolsa durante o processo de escrita) e chega às livrarias em abril. Leones vive em São Paulo (SP).

O silêncio do ar  
parece rachar  
o abandono  
dos meus sentimentos

A cabeça conclusivamente vazia  
ilha de fel feliz  
resignada  
sem soluções  
sem as cercas dos dias

O olhar ao nível da terra  
plenitude roxa  
a arder de esquecimento  
Nada ao lado de nada  
é a pedra  
a rigidez da sua lava  
que afasta  
quem contempla o rosto

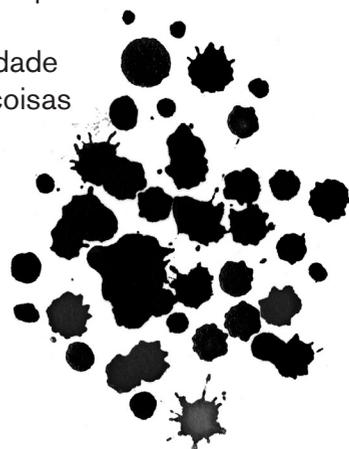
...

Luz eneblinada  
quase faz com que o ar  
se recolha dentro de si

Clareza insuspeita  
egressa do cinza  
rima hermética  
inerte  
num facho de sol

Minúsculo calor opaco  
partículas de frágil resistência  
onde a alma de pedra  
boia  
fita a neutralidade  
de todas as coisas

e se apoia



...

Propago-me lento  
cada vez mais lento  
além lesma  
no silêncio da grama

A sabedoria do vazio  
instala sua cama  
na minha altura

Medito sobre as dissipações  
sei da nudez sem rastros  
das nuvens paradas  
que ajudam o tempo  
não passar entre os dedos



 **Fernando Naporano** foi vocalista, compositor e letrista da banda Maria Angélica Não Mora Mais Aqui, com a qual gravou três LPs entre 1982 e 1994. Atuou por 25 anos como crítico de cinema, música e cultura em veículos como *O Estado de São Paulo*, *Isto É*, *Bizz*, *Interview*, *Around*, *Folha de S. Paulo*, *Trip* e *Correio Braziliense*, além de colaborar com publicações inglesas e americanas. Possui sete livros inéditos e outros três em preparação. Os poemas publicados aqui fazem parte do livro *A coerência das águas*. Naporano vive em Curitiba (PR).





## MIGUEL DE CERVANTES

Por **Pedro Franz**

Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em Madri, Espanha, em 1547. Um dos cânones da literatura mundial, sua vida chama tanto a atenção quanto sua obra: o autor de *Dom Quixote* (1605) nunca foi à universidade e, durante a juventude, viajou para a Itália para ser soldado na Batalha de Lepanto. O combate lhe deixou a mão esquerda aleijada. De volta à Espanha, em 1575, teve sua embarcação capturada por piratas e foi vendido como escravo na Argélia, permanecendo preso por cinco anos. Depois de ser libertado, iniciou sua carreira literária publicando o romance *A Galateia* (1585) e escrevendo peças de teatro. O estilo cômico e fantástico de Cervantes influenciou diversas gerações de escritores ao longo dos séculos; sua obra-prima, *Dom Quixote*, é considerada por parte da crítica literária como o primeiro romance moderno. Outras obras de destaque são *Novelas exemplares* (1613), *Viagem do parnaso* (1614) e a novela *Os trabalhos de Persiles e Sigismunda* (1617). Morreu de causas desconhecidas em 22 de abril 1616.

 **Pedro Franz** nasceu em 1983. É quadrinista, ilustrador e designer gráfico. Vive em Florianópolis (SC).

